

Memórias da Guerra  
em  
SÃO SALVADOR DO CONGO



Joaquim Tomaz Soares



Memórias da Guerra  
em  
SÃO SALVADOR DO CONGO



## Segunda Parte

### MADIMBA E CALAMBATA, COM OS DESTERRADOS

---

**Batalhões sediados no Cuimba após a extinção  
do Subsector da Mamarrosa e memórias de um  
furriel miliciano em campanha**





1971 – Viagem no Vera Cruz  
(cruzando a linha do Equador)



1972 – Intempérie na Calambata  
(com o Playboy em 1.º plano)



1972 – Local da emboscada  
do ELNA / FNLA à CART 3449  
na Picada Comandante Seabra



1973 – Mamarrosa, em poucos dias,  
duas minas, um condutor morto



## MAIO/JULHO DE 1973 – CALAMBATA, LUANDA E «CAMPA DO MORTO»

---

No início de Maio o nosso pelotão rodou de novo para a Calambata, para mais três meses de inferno que eu tencionava atenuar com a licença em Luanda para me examinar em Direito Comercial, «descacimbar» mais uma vez e, sobretudo, voltar a estar com a Filó.

As saídas para o mato serviam para quebrar a monotonia e afinal até ia de bom grado. Como iniciei logo o tratamento com as injeções de penicilina para debelar a gonorreia, bem poderia ter aproveitado o pretexto para evitar alguma operação, mas não o fiz. O «Vicente» levava os frasquinhos e as ampolas para me aplicar as injeções nas nádegas.

No quartel, para quebrar o tédio, lia e escrevia as longas cartas de sempre. Numa do dia 8 de Maio para o meu tio, dizia ter concluído o *Adeus às Armas* do Hemingway e ter começado a ler «uma obra excepcional dum zoólogo especializado no estudo de um animal estranho – o próprio homem». Referia-me ao *Casal a Nu* de Desmond Morris, de quem já lera o clássico *Macaco Nu* e *Zoo Humano*.

No princípio do ano ainda tinha entrado em jogos de voleibol entre graduados no campo improvisado que o capitão Barbino tinha mandado montar no heliporto, diante da porta de armas, mas desde a visita do general nunca mais foram montados os postes para a rede; e eu não tinha jeito nenhum para o futebol – que era o que, se não chovesse, se jogava quase todas as tardes no meio da parada. Futebol de cinco, que a parada não dava para mais.

O mais habitual era jogar um pelotão contra outro, alinhando muitas vezes algum furriel. Mas num dia surgiu a ideia de fazer um jogo entre solteiros e casados na

classe de sargentos. Sendo o número de casados mais que escasso, veio o Almeida Freitas, meu companheiro de quarto, chatear-me para eu também entrar na equipa dos casados. Recusei e continuei a recusar ante a sua insistência, argumentando que, além de nunca ter jogado, não dava mesmo um pontapé direito numa bola. «De futebol, só jogo é matraquilhos», desculpava-me eu. Ele não se dava, contudo, por vencido:

– Mas tens de entrar, para termos cinco na equipa. E olha que até eu vou jogar pelos casados e só vivi oito dias com uma gaja!

Como eu não me deixava convencer, mudou de tática:

– Olha, pá, anda jogar que dou-te uma garrafa de *whisky* se conseguires marcar um golo.

Com a hipótese de tal prémio, lá me dei por convencido, indo completar a equipa dos casados com o 1.º sargento Pinto, o Fernandes, o Pacheco – os casados de verdade – e o Freitas, para acertar a conta e para podermos marcar algum golo.

O jogo teve lugar no dia 7 de Maio (véspera da carta), foi arbitrado pelo alferes Correia, o comandante (brasileiro) do meu pelotão e – detalhe que já não recordava, mas que refiro na carta do dia seguinte ao meu tio – acabou debaixo de bastante chuva, coisa que disse ter considerado extremamente agradável.

Escusado seria dizer que não ganhei garrafa nenhuma, pois só por milagre poderia ter marcado um golo; e nem sei qual terá sido o resultado. De qualquer forma, apreciei imenso o esforço e na semana posterior, ao ver que estavam a preparar outro jogo apenas entre furriéis, por minha livre iniciativa, pedi para alinhar. O guarda-redes adversário era o Coelho, meu camarada da recruta – e até de tenda na semana de campo quando nos anunciaram as especialidades: eu para atirador e ele para vagomestre.

– Nós é que vamos ganhar a guerra! – berrava ele, eufórico, com outros futuros vagomestres, estando eu arrasadíssimo, por me achar mais merecedor que ele de um destino administrativo.

Claro que depois me senti a modos que vingado ao vir ele parar à minha companhia e ter de trabalhar imenso para fazer com que as contas quadrassem; e – de maneira amistosa, é certo, – implicava com ele sempre, fosse pela insignificância que fosse.

Assim, tive uma motivação adicional para me esforçar, tendo espantosamente marcado três golos! Há que reconhecer, no entanto, que não havia «fora de jogo» e eu, cansado, já pouco me mexia para lá das imediações da baliza contrária. Só foi limpo o primeiro golo: um pontapé de canto, em que a bola descreveu uma curva por cima das cabeças dos adversários terminando por entrar nos barrotos, sem que o Coelho o visse. Mera casualidade, porque rematei mesmo à sorte, se bem que cheio de fé. O segundo resultou da cabeçada que dei à bola quando já quase ia fora, tendo ela incredulamente, para meu orgulho, também entrado na baliza. O terceiro foi de rir: ocorreu numa jogada em que um elemento da equipa adversária em apuros se lembrou de passar a bola devagarinho ao guarda-redes e em que me esforcei em vão por alcançá-la. Mas berrei ao Coelho, ameaçador, como se fosse pontapeá-lo a ele; e

ele, já agachado e quase a agarrar a bola, assustado, acabou por deixá-la passar, muito devagarinho mesmo, entre as mãos e entre os pés e... gooolo!!!

Não havia dessa vez era a garrafa de *whisky*... Que pena! Fiquei empolgadíssimo, mas, sabendo que jamais repetiria a façanha, aproveitei para fechar logo ali com chave de ouro a minha carreira futebolística.

\* \* \*

Olhando neste momento para a foto da formação para o primeiro desses jogos – talvez a única que tenho de Angola em que apareço sem bigode –, dá para pensar em como é efêmera a vida. De pé estamos os casados, comigo e com o Pacheco (João de Melo) em cada ponta; ao centro o Freitas ladeado pelo Fernandes, de Bragança, já falecido, e o 1.º sargento Pinto, que estava há uns anos internado num lar de terceira idade em Lagos, com Alzheimer (e que, segundo diz o enfermeiro Baptista Pereira, seu conterrâneo, também já faleceu). Ajoelhados, estão os solteiros e o árbitro. Só há a certeza de estar vivo o Vaz, presidente da Junta de Ferreira de Aves, Sátão – o que furou (entre ele e a mulher) o limite dos mandatos. Nada sabemos do 1.º sargento Morais, indiano, nem do alferes Correia, que poderá ter regressado ao Brasil (ainda pensei que pudesse ser um tal Antônio da Conceição Corrêa, de Ouro Preto, que localizei na Internet, mas este afinal até é negro). Os restantes – todos eles furriéis – também morreram: um no próprio ano de 1973, em Angola, outro em 2000, de cancro, e o último, inesperadamente, de ataque cardíaco, em 2006. Dos que não entraram nesse jogo, um morreu com um AVC em 2012 e outro, de cancro, em 2017. Ou seja, já cá não estão (no momento em que isto escrevo) seis dos 12 furriéis da CArt 3449 que embarcaram há 49 anos no *Vera Cruz*.

\* \* \*

Além desses, tinham vindo para a Calambata depois mais três: o Fontes, que ficara internado no hospital para uma pequena cirurgia e, para completar o quadro, o Duarte, atirador, e o Freitas, mecânico. Éramos, pois, 15; e, para substituir o Henriques, viera mais tarde, de castigo, um corpulento PM (polícia militar) que estava em Luanda e que por lá cometera nunca se soube de concreto que infracção – o Camejo. Dizia que era forçado, do grupo da Chamuça – e parece que sim –, mas o que relatava sobre as suas origens não coincidia bem com o que contava o Olaia, da Luvaca, que o conhecia bem de Alter do Chão. Era bastante loquaz, fartando-se de contar histórias tanto tauromáquicas como do seu tempo de PM que cativavam a assistência, ainda que nem sempre a convencesse. Os soldados admiravam-no e, em tom de brincadeira, diziam que queriam vê-lo um dia na mata a fazer uma pega a uma pacaça.

\* \* \*

Acho que foi neste período que pudemos apreciar a maravilha que era ver de noite uma gigantesca queimada. Ocupava toda a linha do horizonte para os lados do Cuimba.

Em África tudo é, realmente, em grande. Misterioso para nós era arder o capim e ficarem as matas todas intactas. Como a vegetação desce do alto do arvoredo até mesmo ao chão, impede as chamas de se propagarem para o seu interior. São ramagens e trepadeiras que, mesmo chamuscadas, se recuperam antes da queimada seguinte.

Normalmente as queimadas eram iniciadas pelos caçadores, para abrir campos de tiro nas imediações das cacimbas aonde a caça tinha de ir beber; e para em seguida nascer capim novo que também a atraísse. Mas era usual descontrolarem-se, acabando as queimadas por se estenderem por quilómetros e quilómetros infindos.

Nos sítios em que o capim não ardesse – bem poucos, por certo – o capim novo ficava entrelaçadíssimo no velho tornando-se muito difícil caminhar em semelhante emaranhado, como nos chegara a suceder na operação «Primavera Dourada», um ano antes, na Madimba.

\* \* \*

Eis outras notícias da primeira semana de Maio que relatei ao meu tio na dita carta de terça-feira dia 8:

- A morte de uma parturiente na sanzala, com uma hemorragia. Chamaram o Pacheco apenas quando ele já nada podia fazer, pois nem artérias lhe encontrou para lhe injectar um coagulante, enquanto se aguardava a evacuação para a cidade pedida de imediato. Mas a SATAL também acabou por aparecer só à tarde, já ela tinha falecido há largas horas. Já atrás referi pormenores sobre o tabu que têm os negros quanto aos trabalhos do parto, que impede a presença de homens neles, coisa que veio a ser fatal à Henriqueta –acho que assim se chamava (mas o Campos diz que essa era outra bem atrevidota que punha malucos muitos dos soldados – e terá razão);
- A saída dos três ou quatro polícias da PSP da sanzala da Calambata, transferidos para Sanza Pombo, onde tinha sido chacinada pela guerrilha a dotação inteira de um posto – ou, pelo menos, foi isso que constou. Contudo, os que lá estavam saíram mesmo, tendo passado a sanzala simplesmente a cargo de um cabo e dois soldados que eram rendidos cada manhã. Nem de sentinela ficavam, limitando-se a ficar a dormir no posto (pelo menos inicialmente). E acrescento agora que a partir daí houve uns quantos que se desenrascaram com as lavadeiras; que antes o único a ter mulher na sanzala era um cabo-verdiano do 1.º ou do 2.º pelotão, que veio a deixar lá um filho;
- O 4.º pelotão – o que sofrera a emboscada – tinha executado uma operação difícil para um grupo só: ir a corta-mato das imediações da Calambata à estrada de São Salvador para Mamarrosa, num patrulhamento que eu considerava muito arriscado dado que, se tivesse tido um encontro com o inimigo lá no meio, nem sequer havia uma picada pela qual pudesse seguir alguma

tropa de reforço. Nós, os dos 3.º e 2.º pelotões, tínhamos feito em Janeiro do ano anterior uma ainda mais difícil, a corta-mato para norte até aos lados da Magina, mas éramos dois grupos juntos e na altura nem se sonhava com guerra a sério por ali.

\* \* \*

Tinha-me custado deitar o bigode abaixo, mas acabara por me habituar ao meu novo visual. E eis que, tantos meses depois, acabou por ser deferido o requerimento que fizera na tentativa vã de mantê-lo. Quando o alferes «Terras» – de novo como comandante interino – me veio dizer que viera deferido o meu requerimento, estando eu autorizado a usar bigode, argumentei que então já não queria usá-lo, contestando-me ele que era mesmo obrigado. Se não quisesse usá-lo, teria de requerer – mas deixando-o crescer – apenas o cortando ao chegar o novo deferimento. Complicado demais! Assim, fui «coagido» a voltar a usá-lo – um bigode que sobreviveria à *gillette* até regressar de Espanha aos meus 30 e poucos anos.

Como já lá não estava o chefe Dias para controlar a população, numa noite após o jantar foi uma boa parte dos furriéis, com um leitor de cassetes a pilhas, fazer um bailarico na sanzala, com as lavadeiras. Eu nem sabia dançar, mas subi à mesma para o *unimog* que nos levou lá abaixo, por achar que bem poderia vir a engatar a Ana (a minha lavadeira, de que fiquei «virgem»).

Estávamos na casa duma delas, numa divisão de piso de terra batida, à luz dos candeeiros a petróleo e já havia quem dançasse quando se ouviram rajadas de metralhadora no quartel. Ataque ao quartel e nós fora, imaginámos. Cada um fugiu para onde pôde e eu, que nem arma tinha levado, também fugi, mas para a frente: em ziguezague, pus-me a correr até ao *unimog*, por recordar que tinham ficado algumas G3 pousadas debaixo dos bancos, sob a vigilância do condutor (que creio que era o «Guima»). Apanhei uma e um cinturão com carregadores e, sentindo-me mais seguro, decidi-me a uma heroicidade – «Se atacaram o quartel, devem já descer aqui pela picada e eu limpo meia dúzia deles!» – pelo que, em vez de retroceder para a casa em que estávamos, avancei de peito descoberto para a cancela da entrada, com a arma a postos.

Mas serenou o fogachal e não desceu ninguém dos lados do quartel. O resto da malta da «festa» saiu dos seus esconderijos e preparou-se para regressar. E eis que o Camejo, o tal ex-PM pegador de toiros, me exige a devolução da sua arma. Recusei-me a entregá-la e ele tentou tirar-ma. Apontei-lha, dizendo que a G3 era naquelas circunstâncias de quem a apanhara. Que ele, apesar de a ter levado, não a fora buscar e até se escondera; que nem se atrevesse a tentar tirar-ma porque o mataria. Na minha mão ela seria útil para todos, se na subida os «turras» nos surpreendessem; na sua talvez não!

Acatou e veio sentado desarmado. Só lha entreguei ao chegarmos sem novidade ao quartel, onde soubemos que os disparos tinham sido dos postos de sen-

tinela para umas luzes que tinham avistado. Então encheu-se de papo e começou a mandar «bocas» e acabou por me chamar «cabrão» pelo meio de um palavreado oco, unicamente para limpar a face do desaire. «Cabrão» na boca de um alentejano ou ribatejano não tem o mesmo sentido que para nós, os nortenhos. Mas a maioria dos nossos soldados era minhota e muitos estavam a assistir àquilo. Tive, pois, de reagir. Olhei para o seu metro e oitenta e tal e, pensando «se levar duas por cada uma que dê, sentir-me-ei satisfeito», avancei para ele com toda a agressividade, à espera do pior.

E não é que ele se encolheu todo, deixando-se derrubar e tentando com os braços tapar a cara, tal como fazem os forcados ao serem pisoteados pelos toiros?! Os outros furriéis separaram-nos e eu senti o meu ego crescer como nunca. Quem sofreu uma pesada decepção foram as praças do seu pelotão, que o consideravam um herói.

Só há uns anos, num dos encontros, soube que nem luzes se avistaram. O Aventino tinha orquestrado a encenação para nos pregar um cagaço. Ou para que nenhum de nós lhe *comesse* a gaja.

\* \* \*

Em Maio o GC/TE 152, da Canga, encontrou perto do antigo aquartelamento do Súmipi um grupo de guerrilheiros de uma das companhias móveis do ELNA, tendo abatido dois e capturado outro. Este, possivelmente como acção de diversão para desviar a atenção da tropa dos grupos numerosos que estariam a infiltrar-se para o interior, contou que a Companhia Veneno estava aquartelada numa base mesmo pegada à fronteira, mas dentro de Angola, entre as antigas sanzalas fronteiriças de Lula e Canga (uma outra; havia muitas N’Kanga). Em face disso, o BCaç 3849, de Nóqui, entregou-o ao BArt 3859, para ele ser melhor interrogado no Cuimba.

Descreveu as dificuldades de subsistência que estavam a ter e disse que havia um clima de insurreição que levava a manter fechada na arrecadação a maior parte das armas, apenas ficando armada à noite meia dúzia de homens de mais confiança do comando; contou ainda que, também fechado, havia um enorme arsenal, de que inclusivamente constava um canhão sem-recuo.

Como parecia fácil demais, foi montada uma operação de grande envergadura que na história da unidade surge desdobrada em duas:

- «A operação “Marialva” com a finalidade de executar um golpe de mão sobre um quartel IN localizado na região NW [do morro do] Binda [nas coordenadas] 14°14’30”E e 05°52’50”S (por curiosidade, um ponto exacto sobre a própria fronteira), serv[indo] de guia às NT um prisioneiro IN (Pedro Jovelino Rosada) [e em que] tomaram parte 3 GC/TE/BCaç 3849, GC/TE n.º 151 e a Secção de Apoio/TE do Cuimba, [sendo] montado um PC Avançado no antigo quartel da Magina»;

- e a «operação “Muralha” com a finalidade de nomadizar a região a norte da picada Cmdt Seabra entre os meridianos 14°13’ e 14°20’ (13 km de profundidade) [em que] tomaram parte 3 GC (CCS, CArt 3448 e CArt 3449)». Mas esta nomadização foi teórica, já que nunca saímos de dentro do velho quartel, onde ficámos como reserva para o caso de falhar o golpe de mão. Da 34-49 foi o 1.º pelotão, indo também eu, que era do 3.º, para desarmadilhar as «instalações» para nelas se poder entrar (só uma mina antipessoal a um metro do degrau para o edifício que fora a messe de oficiais).

Comandava os TE o próprio chefe de zona, Senga António Bandeira, o mulato que fora mercenário no Catanga, e que nesse assalto falhado era o único participante que não era negro de todo.

A coincidir com esta operação terá havido uma falta de confiança do comando do batalhão em relação ao GC/TE n.º 150 do Cuimba, dado que, além de não ter sido chamado a participar, figura na pág. 240 da HU a observação de ter sido substituído no resto do mês, e de imediato extinto: «A partir de 21 [de Maio – a data em que se concluiu a operação “Marialva”] as acções [de actividade] foram executadas por 1 GC/TE que aguarda no Cuimba transferência para outra Unidade. O GC/TE n.º 150 foi dissolvido». No dispositivo final de cada mês, sempre figurara na HU até então como estando no Cuimba (ou com o seu nome, «Buetila»; os do 151 da Calambata eram os «Vampiros»).

A partir de então e até ao final da comissão, passaram a constar no Cuimba dois GC/TE, sem especificar que números tinham, além do Gr/TE de Obras, que já vinha de trás (mas na Calambata continuou a figurar o reforço do GC/TE 151. Na *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África – 1961/1974* não se refere essa dissolução, dando-se o GC/TE n.º 150 como tendo estado no Cuimba até à desmobilização geral dos TE em Abril de 1974; e o 152 a permanecer na Canga, o 153 no M’Pozo, o 154 no M’Pala e o 155 no Cabeço da Velha; e todos eles desde Janeiro de 1972, quando, pelo menos o GC/TE 151 já estava na Calambata no início da nossa comissão, em Dezembro de 1971 (e tinha estado antes na Canga). Falham, pois, esses registos (e nem a desmobilização final viria a ocorrer logo em Abril de 1974).

A causa da dissolução do GC/TE n.º 150 – mera hipótese minha, talvez fantasiosa – poderá ter tido a ver com um conflito que chegou a gerar-se entre o alferes TE, seu comandante, e o alferes operações especiais Alcides Pereira que comandava o PelRec (pelotão de reconhecimento). Para ser graduado TE não eram necessárias quaisquer habilitações literárias, só capacidade de chefia; assim, o «alferes» era bastante inculto e, embora frequentasse a messe de oficiais, era posto de parte pelos nossos oficiais. O alferes Pereira, que gostava de dar piadas de cariz machista e racista e que considerava descaradamente o negro como selvagem e «turra», não sei bem que lhe terá dito numa altura em que este, ultrapassando os limites do razoável, acabou por ameaçá-lo

com uma emboscada ao seu pelotão. Soube disso da boca do próprio alferes Alcides Pereira na messe de sargentos da Calambata, perante vários furriéis nossos e da CCS, num dia em que lá pararam em trânsito. Não estou seguro é se a seguir a essa ameaça houve apenas uma dura troca de palavras ou se se passou mesmo disso a vias de facto. No entanto, o furriel Vítor Sousa, que era o cripto – e, supostamente, estava bem informado –, diz nada recordar disso. Também não se lembram da tal extinção tanto João Martins, furriel sapador, como Joaquim Cortes, soldado transmissões (e actual ‘comandante’ do batalhão, nos encontros). Mas que houve, lá isso houve. Pode é ter sido uma mera formalidade, tendo-se reagrupado os efectivos com novas chefias.

Nada se assinalou na HU quanto aos verdadeiros motivos da dissolução desse Gr/TE 150. Aliás, até as punições formais a TE deixaram de ser registadas após o primeiro meio ano da comissão. Nesse período inicial tinha havido quatro sancionadas pelo chefe de zona, uma pelo comandante da CArt 3449 ao sargento Matchai Mateus – cujo motivo ignoro, por então estar na Madimba – e as duas últimas pelo chefe do Estado-Maior do Comando-Chefe das Forças Armadas de Angola ao sargento Atanázio Chiluca (a 3 de Junho de 1972, 15 dias de prisão sem vencimento; e a 11 «despromoção para cabo e entrada em prisão»). Depois disso entre os TE vigoraram exclusivamente os castigos físicos e a prisão efectiva, deixando de haver do ponto de vista formal punições da nossa hierarquia (ou anotações das mesmas na HU).

\* \* \*

Voltando à operação «Marialva», iniciou-se no dia 17, ficando os homens todos juntos no antigo quartel até ao cair da tarde, quando os TE saíram em fila indiana, com o prisioneiro como guia. E era a primeira noite de Lua Cheia. Só iam de facto elementos do grupo TE, mas, se tivessem pedido voluntários entre o nosso pessoal, teriam sido muitos a avançar – eu incluído, se bem que agora essa ideia me pareça uma aberração. Ainda sonhava com acção, admirando *Os Centuriões* do Jean Lartéguy... e sobretudo o «Che» Guevara, claro.

O plano era desencadear o golpe de mão às cinco e meia da manhã, ao raiar da aurora, e estávamos em linha recta a 11 km do objectivo. O prisioneiro iria à frente amarrado com uma corda, comentando-se que o tenente-coronel advertira os TE de que teriam de trazê-lo vivo – para evitar que o abatessem com a desculpa de que tentara fugir, não se atingindo assim o objectivo. Porém, para não escandalizar os militares do batalhão, até à hora da saída o Pedro Jovelino Rosada andou à vontade por entre as nossas tropas. Tinha um porte altivo e impressionava olhar-lhe para a cara porque tinha uma vista sempre aberta e lacrimejante, com a pele queimada em redor.

Os soldados, que nunca tinham visto um «turra» de carne e osso, estavam espantados e faziam-lhe em tom amistoso imensas perguntas, a que ele ia respondendo com aparente naturalidade. Entre pergunta e pergunta, iam-lhe oferecendo algumas latas de conserva, devorando ele umas de imediato e guardando outras nos bolsos

(embora também lhe tivessem dado ração de combate). A certa altura eu próprio me acerquei e perguntei-lhe de onde era natural, tendo-me ele dito que era da Pangala; inquiri-o em seguida sobre a origem do ferimento na cara, replicando-me que acontecera em combate, pelo rebentamento de uma granada.

Nada mais lhe perguntei, que ele estava ocupadíssimo a comer e já pouco faltava por terem de partir (estavam os TE igualmente a comer a sua ração de combate), mas ainda ouvi um soldado fazer-lhe um par de perguntas; a segunda era nitidamente absurda, e ele, com ar mais sério, deu uma resposta final bem ingénua:

– Sabes ler?

Ele respondeu que não.

– *E escrever?*;

– Só à máquina.

O seu ar era mesmo tão normal que ninguém reagiu; cheguei a pensar que estivesse a burlar-se do soldado, mas concluí que o homem era sem dúvida analfabeto. Deveria ter estado nalguma ocasião a teclar numa máquina de escrever, a copiar algum texto ínfimo, sem ter a noção do que na verdade escrevia. O seu camarada que escrevera a mensagem que nos deixaram na picada na emboscada de 21 de Junho do ano anterior, com todas as limitações que tinha, era de longe muito mais letrado que ele.

Na sexta 18 de Maio, levantámo-nos na Magina todos às cinco e um quarto para ouvir o fogachal. A expectativa era enorme, não tendo havido, contudo, tiroteio algum. Nem às cinco e meia nem depois pela manhã adiante. Apenas às 10 avisaram por rádio que o guia se tinha perdido. O comandante mandou-os esperar até à noite para prosseguirem, planeando o golpe de mão novamente para a madrugada. Mais uma vez, a expectativa e de novo o silêncio. Voltaram a comunicar às 10 da manhã, afirmando que tinham atingido por fim o objectivo e pedindo permissão para iniciar o ataque.

Era já o segundo dia sem comida, mas o tenente-coronel Luís Teixeira Fernandes não autorizou o ataque, tendo repetido a ordem para aguardarem pela alvorada seguinte – a de domingo, 20. E ainda bem, pois os TE vieram a descobrir que não se tratava do suposto quartel, mas sim de uma aldeia congoleza. Tinham ido exclusivamente negros para, em caso de acabarem por entrar no Congo, não se poder dizer de forma categórica que tinham sido tropas portuguesas, mas, se se tivesse aberto fogo ter-se-ia originado um conflito internacional. Ao constatar-se que do lado de Angola junto à fronteira não havia nenhuma base naquelas paragens, lá se teve de abortar o plano.

Impressionava o esgotamento que todos manifestavam quando retornaram à Magina, no domingo ao cair da tarde, sem nada mais terem comido naqueles dias que mandioca crua e bananas verdes. Só o «turra» vinha com passadas seguras – que conseguira empanturrar-se antes de sair! Fui esperá-los com outros militares à entrada do antigo aquartelamento, assim que vimos os primeiros surgirem na curva da picada, a sul. O major Bandeira, ao chegar, mal se segurando em pé – que era bastante mais

velho que os restantes TE, seus subordinados – pediu-me para mandar uma viatura buscar atrás da curva uns que já não podiam andar mais.

O Pedro Jovelino, que era natural das redondezas, conhecia muito bem a zona e na verdade andara a passeá-los pelo lado de lá da fronteira, na esperança de poder escapar. À Companhia Veneno, estivesse ela onde estivesse, é que não levou. E, ao voltarem, só ele é que vinha a caminhar pausadamente, muito seguro de si, de cabeça erguida (e com a vista lacrimajante sempre aberta) – tal e qual como no momento da partida.

Os TE foram recolhidos no dia posterior, tendo nós ficado na Magina ainda mais três dias. Numa carta que escrevi aos meus pais no dia do regresso, limitei-me a referir que acabara «uma operação de 6 dias, mas com base táctica, pelo que até nem pass[ara] mal o tempo», acrescentando que no dia seguinte (quinta, 24) iria de fim-de-semana a São Salvador – «é a meio da semana mas chamamos-lhe igualmente fim-de-semana». Dizia que não me competiria ir, ainda que também não devesse ter feito a tal operação e que a ida à cidade era «a modos que uma recompensa».

Na realidade fora na vez do Dinis, mas apenas por então já ser eu em teoria o especialista responsável pelo armadilhamento das ruínas do aquartelamento da Magina – e isso porque numa outra ocasião anterior a Outubro do ano anterior, que não recordo com exactidão, ele me tinha pedido que, numa operação em que se iria acampar no quartel desactivado, fosse no seu lugar, apesar de ser ele o responsável (para além do Vaz, quando o 2º GC estava na cidade) pela única mina que lá estava. Mas tinha assistido a este quase a pisar – o que só não sucedeu por ter sido ele a alertá-lo. Daí o medo que tinha àquela mina concreta.

Cheguei a opor alguma reserva; porém, ele garantira-me que a tal mina de frente do edifício que fora a messe dos oficiais era mesmo a única que lá estava instalada e eu acedera. Agora até tinha sido mesmo o seu pelotão que avançara, mas aquela guerra toda, com o golpe de mão dos TE ao quartel «turra» também o assustava e eu acedi, uma vez mais, a substituí-lo.

Confesso não recordar quando foi a primeira ocasião em que desactivei a tal mina na Magina a pedido do Dinis, mas teve de ser antes, dado que em Outubro já o meu pelotão – e só ele – tinha estado dentro das instalações arruinadas da Magina, quando tivemos o tiroteio descontrolado contra o tal tronco a arder em combustão lenta; e fui mesmo eu quem levantou e repôs a dita mina.

Talvez por ele ter sido seminarista e ter desistido de continuar estudos para padre – e só por isso ter ido para a guerra –, além dos problemas que teve com a namorada, chegava a sentir medo mais vezes que o comum dos camaradas. E, como era um tipo porreiro, aceitei substituí-lo.

\* \* \*

No dia 18, enquanto decorria esta operação falhada, «apresentou-se na CCaç 3513 (Quiende) um elemento IN de nome Quiangala Panda Pala, natural da Damba,

que disse ter vindo de Kinkúzu, integrado em 3 grupos [que seguiam juntos] destinados ao Quitexe, Cuanza Norte e Canacassala, [...] constituídos por 74 elementos, dos quais 72 armados». Dizia que ficara para trás por estar doente e com fome e que lhe tinham retirado a arma. Foi levado para o comando do Sector para o interrogarem, chamando-se os comandos (e, segundo se disse, também os páras) no dia 19, com meios héli, para efectuarem a perseguição ao grupo inimigo que se dirigia para sul sobre o limite entre as ZA do Quiende e do Zau-Évua. Desde domingo, 20, até às 18 horas de segunda, 21, o grupo dos 74 guerrilheiros e dois civis (não se percebe o porquê do ligeiro desfasamento no efectivo), que levava munições e fardamento e era chefiado por Ferraz Fama Panda e André Benza, foi autenticamente dizimado: segundo a HU, 46 mortos, três feridos e um capturado. Este, de nome André José, confirmou a informação já dada pelo apresentado de, na mesma altura em que tinham entrado pelo Luvo (a 30 de Abril), se ter infiltrado outro grupo numeroso pela serra da Canda, mas afirmou ser o que há muito se informava destinar-se ao COBI e não à serra do Mucaba, como dissera Quiangala Pala (que parece também ter-se enganado na conta certa dos efectivos).

Ao contrário da nossa operação, esta não se pôde dizer que tivesse falhado, ainda que graças à traição de um guerrilheiro e à intervenção das nossas tropas de elite. E, quanto a material apreendido – que na «Marialva» se comentava ter sido o grande sonho do nosso tenente-coronel –, foi nesta que se capturou, e bastante: «1 Lança-Granadas-Foguete (LGF), 1 Metralhadora Ligeira, 20 Espingardas Automáticas, 12 Espingardas de Repetição, 4 Pistolas-Metralhadoras, 10 mil munições de armas ligeiras, 78 granadas de mão, 5 granadas de LGF, 23 petardos, 27 minas antipessoais, 53 carregadores de armas ligeiras e vários sacos com fardamento e equipamento».

Foi a maior chacina em Angola de que tive notícia durante a minha comissão. Constatou mais tarde que tinham sido confirmados (pela tropa apeada do Quiende) 53 mortos, relatando eu na carta de 8 de Julho ao meu tio: «Pode parecer exagero, mas não é. Eles iam a pé e os comandos de héli, sendo lançados em pontos estratégicos. Do nosso lado só lerpou um furriel comando [José Manuel Mira Lopes, casado, da Ajuda, Peniche, que era da 36.<sup>a</sup> CCmds, a 22 de Maio de 1972]. A tropa normal foi já ao local em que os “turras” deixaram mais mortos (29 ou 30), junto a um rio onde tinham sido encurralados, e apenas encontraram esqueletos». Exagero seguro era o de tão pouco tempo depois apenas sobrares esqueletos, mas foi o que constatou que os do Quiende tinham dito.

No dizer do Fernandes, que estive em Junho no nosso destacamento de São Salvador, alguns comandos ter-se-iam dado ao luxo de, ao meio-dia, interromperem a matança para virem almoçar ao Estrela do Congo. Era só «empurrar» os guerrilheiros para longe das matas e ir comer sossegado. E que tinha sido o Ferreira do Estrela a comentar isso com ele.

Mas isso pode não passar de relato fantasioso, já que a intervenção foi levada a cabo directamente pelo Comando da ZMN (Zona Militar Norte) e o que se soube

no BArt do interrogatório ao apresentado no Quiende, conforme se refere na página 246 da HU, teve origem numa mensagem do BCaç 3855, de Bessa Monteiro, que não pertencia ao Sector Zaire. De qualquer forma, bem poderiam os helicópteros ir reabastecer-se ao destacamento da Base Aérea na cidade, aproveitando o pessoal para almoçar.

\* \* \*

Para regularizar a troca com o Loureiro para a tal base táctica de 10 dias, de quando tivera o exame de condução, já eu lhe tinha feito mais duas operações de três dias (além da antecipada na qual morreria o Antunes, com o disparo intempestivo do LGF) e eis que ele num sábado, para poder ir na coluna da manhã a São Salvador, me pediu que lhe fizesse o sargento-de-dia para saldo final de contas. Por achar que era um abuso vir exigir-me mais esse dia, dado que tinham sido bem piores os nove dias que lhe dera que os 10 dias de campismo que ele desfrutara por mim, comecei por recusar, mas acabei por aceder na condição de substituí-lo apenas até à hora da chegada da coluna, tendo ele aceitado isso.

Chamava-se, a essa coluna dos sábados, «a coluna dos bêbados», porque no regresso, mesmo ao princípio da tarde, ainda a horas de almoçar tardiamente na Calambata (se bem que muitos já tivessem comido na cidade), era elevadíssimo o número dos que vinham embriagados. Ora dessa vez aconteceu que o Silvino Cabral, o barbeiro da companhia, já com os copos, teve não se soube ao certo que tipo de incidente com o alferes «Terras», que não estaria melhor; e este deu-lhe voz de prisão, que quis concretizar ao voltar à companhia.

Por sua ordem, seria o sargento-de-dia a executar a dita detenção com a prisão efectiva do cabo-verdiano no atrelado-ambulância metálico da Segunda Guerra Mundial, em que já tinham estado encarcerados tanto o Santos caçador como um prisioneiro inimigo (simples carregador) que viera mostrar por onde o seu grupo cruzara a picada Comandante Seabra, perto do rio Luvo. O Loureiro, com a desculpa de ter de tomar banho, pretendia que fosse eu a executar a prisão, mas recusei-me a isso, argumentando que, pelo acordo que tínhamos, àquela hora a questão era assunto seu. O alferes «Terras», sabendo do conflito, decidiu que teria de ser mesmo eu a executar a prisão e eu – vendo que já todos os cabo-verdianos se juntavam de arma na mão, barafustando que o camarada não era bicho nem «turra» para ficar preso no atrelado – recusei-me veementemente a fazê-lo, insistindo no facto de não ser eu o sargento-de-dia. Fartou-se de me berrar; porém, também ele começou a antever o motim que iria levantar-se e acabou por fazer marcha atrás, não se cumprindo a ordem de prisão.

Nem sequer oficialmente se lhe aplicou depois qualquer punição – que no BArt 3859, por certo, até foram excessivas. Entre dias de prisão simples, prisão disciplinar e prisão disciplinar agravada, houve 200 punições, entre as quais quatro a um só alferes

(pelos comandos da companhia, do batalhão, do Sector e da ZMN), três a um único 1.º sargento e sete a furriéis. A punição do tal 1.º sargento resultou de uma inspecção da Administração Militar, em que as contas não quadravam – e o princípio era, como lhe frisou o major, «sai dinheiro, entra papel; não entra papel, sai processo».

Por mais espantoso que seja, quem não teve registada a mínima punição foi o alferes de uma das companhias que andou quase sempre «desenfado», tendo sido o seu GC comandado interinamente pelo furriel de maior antiguidade no posto, como era habitual, uma regra em que, em caso de «empate», o «mais antigo» era o de número mecanográfico mais baixo.

\* \* \*

No dia 29 de Maio, uma coluna da CCS accionou uma mina ACar entre o cruzamento da Pangala e a ponte do Luvo que possivelmente estava pensada para a CArt 3449, dado que tínhamos um grupo fora e teríamos de ir buscá-lo; a coluna do Cuimba é que se antecipou. Como trazia bastantes bidões cheios de areia, como protecção para a metralhadora, o seu peso evitou que a viatura fosse projectada e ninguém se feriu. O Sapateiro, que vinha na cabina, foi projectado mas caiu no assento, contando depois, com o seu humor habitual, que ao olhar para baixo e ver uma só perna, começara a lamentar-se, pela falta da outra:

– Ai a minha rica perninha!

Afinal, ao cair de novo no assento, ela ficara dobrada debaixo do rabo. Sempre contei essa história como verídica, mas no encontro do Montijo, em 2008, ele corrigiu, dizendo que fora brincadeira sua, embora tivesse apanhado um bom susto.

Foi a primeira mina da comissão entre o Cuimba e São Salvador, mas, além de terem sido colocadas outras na região, havia informações de que o ELNA já dispunha de especialistas com formação em explosivos e tinha recebido muitas minas ACar e APes, sendo bem piores as perspectivas para o futuro. Para começar, nunca mais o tenente-coronel Luís Teixeira Fernandes avançou de jipe à frente nas colunas em que saía para a cidade. Até ganhara entre o pessoal da CCS a alcunha de «Luís Ocaña», um ciclista famoso à época – aquele que, de camisola amarela, costumava encabeçar o pelotão na maioria das etapas da Vuelta a Espanha e do Tour de França, tendo ganhado este naquele ano.

\* \* \*

Em fins de Maio, início de Junho, recomecei a estudar Direito Comercial e Marítimo com o Coelho, para irmos em Julho fazer exame a Luanda – mais que nada, para passar lá uma semana... e, quanto a mim, voltar a encontrar-me em todos esses dias com a Filó! Tinha começado antes, mas a vontade era pouca; preferia outro tipo de leituras, sobretudo de ficção. Por essa altura andava a ler, de Jorge Amado, a *Tereza Batista Cansada de Guerra* – exactamente com «z» e sem «p», por se tratar de uma

edição brasileira, cuja leitura me resultava algo «incômoda»; e estava interessado em obter o *Dinossauro Excelentíssimo* de José Cardoso Pires (que em Angola nunca poderia ser posto à venda, devido à censura).

\* \* \*

O Grupo TE 151 fez a operação «Muro 62», idêntica à do 4.º GC de um mês antes, indo a corta-mato da Calambata para a estrada da Mamarrosa, numa diagonal para noroeste. Ao contrário da nossa tropa, que por norma até ignorava o que via, para os TE a guerra era questão de vida ou morte e, assim, na sexta 8 de Junho, avisaram ter descoberto entre os rios Maza-Matende e Lunguege o trilho de infiltração de um grupo IN estimado numa centena de elementos, com indícios de terem transitado por lá dois ou três dias antes. O comandante do batalhão mandou-os seguirem-no para sul, tendo eles sido encontrados e recolhidos pelo nosso pessoal no regresso da coluna de sábado, no sítio da picada onde o trilho a cruzava, na antiga sanzala da Tanga, 5 km a sul da Calambata.

No domingo de manhã foi uma coluna ao Cuimba entregar ao comandante vestígios que tinham sido encontrados. Ao final da manhã eu ainda dormia, mas acordaram-me por terem os do 3.º pelotão de sair para o mato com urgência, para dar continuidade ao assunto. Quando aparecemos no dito local da picada, surgiram hélicópteros com páras que foram com um TE reconhecer o trilho até ao local em que os guerrilheiros tinham dormido, na noite posterior à sua travessia da picada. «Chegaram à conclusão, talvez exagerada, para se baldarem, claro, de que os “turras” tinham passado 11 dias antes» [que as tropas de elite só se dispunham a intervir de verdade com o factor surpresa a seu favor]. Foi isso o que referi na minha carta de 20 de Junho para o meu irmão amanuense que me serviu para repor a sequência correcta dos factos que a minha memória agora abreviava, levando-me até a pensar que os TE tinham visto o trilho de cima das viaturas, ao vir na coluna.

O comandante reiterou as instruções que tinha dado, apesar da discordância dos TE: eles seguiriam o trilho para a frente e nós, espantosamente, para trás, no sentido inverso da marcha do grupo infiltrado, com ordens para comunicar de imediato qualquer vestígio que fosse detectado. Como o alferes tinha ficado na véspera em São Salvador, para ir ao dentista, foi o Fontes quem teve de nos comandar. Acompanhou-nos o TE Fernando Manuel, que concluíra há pouco um curso de pisteiro nos Comandos em Luanda. Era um que dizia ter só 18 anos – uma mentira – mas que tinha estado antes nos três movimentos de libertação. Quando cometia uma asneira, tinha de escapar para outro e, não tendo já mais nenhum para onde desertar, viera para os TE – uma coisa que todos sabiam e que o sargento Martins até confirmava. Exagero seria dizer que tinha sido sempre por ter cometido «asneiras», pois nalguma das vezes em que mudou de «equipa» terá sido apenas por se ter deixado arrastar pelos superiores – nomeadamente quando ingressou na Tropa Especial. Aliás, foi dessa forma

que vieram quase todas as praças TE da Calambata, que, por serem de Maquela do Zombo, tinham estado no ELNA mais por parte do PDA que da UPA.

O Fontes cumpriu religiosamente as ordens recebidas, pois tinha mais nove meses de tropa que a maioria dos graduados e receava algum castigo que ainda lhe viesse a dilatar o tempo do serviço militar, já de si longo, em especial para ele, que era do primeiro turno de 1970 (nós, os restantes, éramos do 4.º). Parava-se a cada pegada e a cada ramo partido para se transmitir o achado à companhia; esta transmitia-o à CCS; no Cuimba iam à procura do comandante, que deveria estar a tomar o seu *whisky*, para lhe comunicar o que se encontrara e ele dava ordem para continuarmos. Então da CCS transmitiam essa ordem à companhia e essa a nós, pelo que só ao fim de um bom quarto de hora reiniciávamos a marcha por mais umas centenas de metros até novos indícios. Os soldados aguentavam, contrafeitos, mas eu explodia:

– Olha lá, depois de os gajos terem circulado por aqui, tu achas que é alguma novidade haver estes vestígios? E, além disso, também já passaram os TE!...

O Fontes ficava fulo e nem me respondia. A certa altura, num local húmido vimos muitas pegadas e até umas hastezitas de capim partidas. Lá ordenou ele ao Pinto que comunicasse a «descoberta»; da companhia comunicaram-na à CCS; e no Cuimba comunicaram-na ao comandante, que se lembrou nessa vez de perguntar de há quantos dias eram esses indícios. Transmitida pela cadeia inversa a pergunta, o Fontes acabou por fazê-la ao Fernando – que para isso tirara ele o curso. O Fernando – rapaz bem expedito, como se verá já em seguida – observou de um lado, observou do outro, meditou e respondeu, perante uma gargalhada geral:

– Pr’ái de há oito... ou cinco dias.

O Fontes, vermelho como um tomate, virou-se para o Pinto, dando uma média aceitável:

– Diz que os vestígios são de há seis dias, aproximadamente... – e não se voltou a parar mais para comunicar fosse o que fosse.

Mesmo assim, demorámos uma tarde inteira para fazer uns escassos 3 km, máximo 4 km, nem a latitude do quartel atingindo. Pernoitámos, conforme disse na tal carta, «onde tinham dormido alguns “turras”, talvez os exploradores, porque só havia os restos de 3 fogueiras – que n[aquela] época do ano faz[iam] fogueiras [que serviam, para além de cozinhar,] para se aquecerem, pois de noite h[avia] frio e eles, para poderem mexer-se, não pod[iam] trazer mantas».

No segundo dia a progressão foi igualmente muito lenta, avançando-se pelo trilho que se estendia por dentro de mata, bem desimpedido, e saindo ao capim só a aproveitar trilhos de caça – ainda que num sítio se tivesse de atravessar um pântano. No trilho em si até andámos ligeiros, mas no pântano perdemos largas horas. O sítio onde tanto os guerrilheiros como os TE o tinham cruzado apresentava o lodo revolvido e os primeiros de nós que tentaram a travessia quase eram engolidos pela profundidade e pelo fundo empapadíssimo que parecia que nos sugava – e havia que

atravessar com a arma nas mãos e o saco às costas. Acabámos por cortar umas quantas arvorezitas delgadas e altas que atirámos para a água para ir caminhando por cima. Fui dos primeiros a avançar com a minha secção, para montar a protecção na outra margem e ajudar os seguintes no troço final da travessia, já que as arvorezitas não chegavam até lá. Ao relatar este episódio, conto sempre que, para atravessar o sobrance do pântano, uma vez passada a parte dura dos troncos, molhara mesmo as peúgas!... Mas ia descalço, com as botas atadas pelos cordões, penduradas ao pescoço... e as peúgas – que realmente se molharam – no bolso de cima do dólmen. Ou seja, não tendo mais nada firme em que me apoiar, a água já me dava pelo peito. Prestes a alcançar a outra margem e pouco faltando para me afogar. Depois ainda se cortaram mais umas arvorezitas do lado oposto e, com a ajuda dos que já estavam adiante, os de trás também passaram. Que odisseia!

Claro que, se fôssemos angolanos, teríamos passado para a margem oposta não por ali, mas um pouco ao lado, com a mesma segurança tanto dos guerrilheiros, primeiro, como dos TE logo a seguir – que já estes teriam passado a par do sulco da travessia daqueles, pois a zona apatanhada era bastante larga. Julgo agora que só a nossa ignorância nos levava a calcular que fosse mais perigoso cruzar o pântano numa parte ainda não revolta.

Acampámos na segunda noite onde o grosso do grupo IN dormira (24 fogueiras, na ordem de uma centena de elementos) – sítio que considerei perigoso, por ficar dentro de mata, numa ravina mais apropriada para esconderijo deles que para local no qual nós nos pudéssemos defender. Seria muito fácil encurralar-nos ali, mas era ele o comandante e eu – depois do que lhe tinha dito sobre a inutilidade da comunicação dos vestígios – não estava disposto a desautorizá-lo mais.

Na terça, dia 12 de Junho, já tínhamos pressa para prosseguir a marcha até ao trilho inicial da marcha dos TE, para nele regressarmos ao quartel. Saímos às seis da manhã e às oito e meia chegámos a um sítio em que o trilho, que serpenteava pela orla da mata, atravessava, fora, no capim, um regatito que caía em cascata num precipício, voltando a entrar na mata. Eu tinha acabado de substituir o Gonçalves, de alcunha o «São-Bentinho», por ser de São Bento da Porta Aberta, pelo Horácio Nogueira, de Ronfe, o UPA, que era, sem dúvida, o soldado mais operacional do pelotão. Ainda bem, já que, mal levantou as primeiras ramagens do arvoredado para continuar no trilho, deu de caras com meia dúzia de guerrilheiros e, berrando «Turras!!!», teve a reacção de começar logo a disparar, pondo-os em fuga e nem lhes dando tempo para ripostar. Que sorte tivemos de ser ele a encabeçar o pelotão!

Começaram todos os nossos soldados a disparar para diante, apesar de seguirmos em fila indiana. Eu ia em 5.º lugar e não via os três primeiros homens – apenas o Fernando TE que me precedia –, não tendo podido disparar um único tiro. Mas, embora «não tivesse sentido medo» – como escrevi na carta ao meu irmão – «convenci-me mesmo de que já não conseguiria escapar vivo», com as balas dos de trás a passarem-

-me rentes a sibilar. Da margem do regatito, em que tinha ficado debruçado, de botas metidas na água, protegido do possível fogo da frente, que não houve, mas exposto ao do nosso pessoal, fartei-me de gritar em vão «Alto ao fogo!!!». Ao cessar o fogo – estando alguns já sem munições –, «levantei-me e, aos berros, [de G3 apontada,] ameacei enfiar uma rajada ao primeiro filho da puta que fizesse fogo à balda».

Este «filme» da dianteira não foi o que o Fontes mais atrás diz ter visto, pois afirma que pelo menos as rajadas de metralhadora e de G3 ordenadas por ele (e as que ele próprio disparou) foram para os lados, por pensar que se tratava de uma emboscada.

Só eu e o «Vicente», que começou logo a cuidar do primeiro ferido, é que não disparámos nenhum tiro. Chegou-se a falar, em vão, na sua recomendação para um louvor – que bem o merecera e até necessitava dele, para rebater a punição que tivera do comandante do Sector (a qual viria a ser-lhe agravada nesses dias pelo comandante da ZMN), devido ao tal tiro sem consequências na sanzala da cidade.

Depois mandámos rajadas de metralhadora, desta vez mesmo para a frente; e ainda três morteiradas e um dilagrama na direcção que supusemos ser a do trilho. Mas, antes disso, também o Aventino quis lançar o dilagrama que costumava trazer (a presumir de guerreiro), mas não se apercebera de que, com o manuseio, tinha perdido a presilha da alavanca da granada. Assim, quando já tinha tudo pronto para o lançamento e lhe tirou a cavilha de segurança, saltou de imediato a alavanca – que só se deveria soltar na trajectória em seguida ao disparo, quando o pesito de chumbo da presilha partisse, com o impulso, a dobrazinha final da alavanca. Petrificado, nem sequer teve o instinto de se baixar; limitou-se a atirar a G3 (com a granada enfiada) para longe, continuando de joelhos a olhar para ela.

No tiroteio inicial, o Pinto tinha alvejado com dois tiros da Uzzi uma perna do Oliveira «Solteiro» (um dos dois soldados da minha secção chamados António da Silva Oliveira, que distinguíamos justamente pelo estado civil, coisa bem aceite pelo «Solteiro», mas a que o «Casado» não achava grande piada). Com o dilagrama, que no primeiro instante julgámos ter sido uma morteirada dos guerrilheiros, tivemos mais cinco feridos – o que ia à minha frente e os quatro que me seguiam. Quem tinha pior aspecto era o próprio Aventino (1.º cabo Aventino da Cunha Alves Leite), que ficou com a cara toda ensanguentada. Mas tinha sido atingido apenas por estilhaços miudinhos. Os que estavam na verdade mesmo mal eram o Simões (soldado Joaquim Barbosa Simões, o «São Cosme») – que me convenci, de tão branco que o vi, que não escaparia – e o Gonçalves (soldado Manuel Antunes Gonçalves, o «São-Bentinho»). Com ferimentos mais leves ficaram o cabo-verdiano Pereira (soldado Boaventura Borges Pereira) e o pisteiro Fernando (soldado do GC/TE 151 n.º 41/70, Fernando Manuel).

«Era uma granada defensiva e eu não estava a mais de 4 m. Não sei sinceramente como não apanhei nenhum estilhaço; talvez algum dos que foram atingidos estivesse à frente e deve ter sido isso que me safou». Também é provável que a G3, ao

ser atirada para a frente, tenha caído com o cano dentro de algum sulco do terreno antes de a granada ter explodido, tendo sido uma boa parte dos estilhaços absorvida pela terra. Por estar debruçado na margem do regato, fiquei, por mero acaso, ainda mais protegido do resto da chuva de metralha do que os que me rodeavam.

Às 11.45 horas vieram hélicópteros para evacuar os seis feridos. Entretanto, foram os TE e outro pelotão em nosso socorro, sendo as ordens do comandante que esperássemos, para iniciar a perseguição aos guerrilheiros. «Mas os planos dele falharam, e ainda bem: apareceram logo comandos em São Salvador e foram lançados dois grupos de 15 para tentarem apanhar os gajos. Às 4 iniciámos o regresso – já só 20 elementos (comigo mesmo em primeiro lugar, com a arma em rajada) – e meia hora depois encontramos os que partiram de manhã em nosso socorro – e que tinham andado que nem cavalos! Os TE e os outros ficaram lá, voltando no dia seguinte a pé e nós fomos recolhidos de helicóptero».

Ao desembarcar do *Puma* na porta de armas tivemos uma recepção espantosa, como se fôssemos heróis. O Coelho deu-me um abraço e perguntou-me logo, em tom jocoso, se não tinha perdido em combate a sebenta de Direito Comercial. Na realidade, tinha-a levado para estudar, imaginando que a operação fosse mais uma daquelas em que nada se fazia, mas já nem disso me lembrava.

À noite apanhei uma «buba» bastante contida, como disse ao meu irmão – uma «puta» como mais adiante referi ao Manuel do Virgilino – em que, para comemorar o facto de ainda estar vivo, esborrachei na parede o meu gravador-leitor de cassetes.

Os comandos limitaram-se a montar emboscadas na esperança de alguns guerrilheiros voltarem atrás, coisa que não sucedeu. Uns dias mais tarde soube-se pelo Beta Albert, o informador da Buela, que a companhia móvel de João Pedro Veneno tinha regressado no dia 13 ao Zaire com cinco feridos que tiveram de ser hospitalizados em Fulanketo (Franketti, talvez), dois dos quais com a cabeça toda ligada. Afinal, ganhámos nós a contenda, que fizéramos os feridos deles e os nossos. Mas na manhã de quarta o Fontes formou o pelotão e explicou que, para todos os efeitos, tinha sido uma granada lançada pelos «turras» que fizera quase todos os nossos feridos, não se podendo contar nada diferente. Para essa versão muito ajudou não ser de G3 a bala que estava alojada numa coxa do Oliveira «Solteiro» (que se queixava unicamente de outro ferimento de tiro no pé; mas verificou no hospital que o pijama ficara manchado de sangue acima do joelho).

O Aventino teve de desenrascar um tapa-chamas para a sua G3. Até ao dia em que gamou um de uma arma meio abandonada numa coluna defronte do Estrela do Congo, andou sempre com a tampa de plástico negro (que não se costumava usar) a disfarçar a falta do que ficara destruído.

Se se tivesse descoberto a verdade, teríamos sido castigados. Mas, na carta para o meu irmão, já eu dizia que, se tivesse de mudar de companhia, não me importaria, nem que fosse para o Leste. O mais provável seria ir para sítio melhor.

Os nossos soldados iam para a guerra sem a mínima preparação, só assim se justificando o que acontecera. Os guerrilheiros que encontráramos eram as sentinelas avançadas que todos os grupos numerosos destacavam a meia dúzia de quilómetros de distância do acampamento principal. Mais adiante estava a Companhia Veneno, mas também apenas por falta de preparação adequada tinha estado aquela secção a vigiar num sítio sem visibilidade para diante e junto a uma cascata, com o barulho constante da água a cair. Assim, nem viram nem ouviram que estávamos a chegar.

É de estranhar que o sítio em que os TE encontraram o trilho fosse em linha recta 9 km a NW do local onde depois nos deparámos com a secção de sentinelas da Companhia Veneno – um ponto a 5 km Calambata, na direcção W-NW. Isto significa que a companhia móvel desceu para a zona que já considerava patrulhada e, por isso, mais segura; e perto de população que se via coagida a colaborar com a guerrilha, apesar de na sanzala não haver bakongos. Mais de admirar foi o pouquíssimo que andámos numa tarde, um dia e meia manhã: nada mais que 8 km em linha recta. E não foi realmente tão absurda como pareceu a ideia do tenente-coronel de nos mandar andar para trás pelo trilho.

Tendo referido nas cartas da altura que tivemos seis feridos, há já largos anos que digo em tom de brincadeira que tinha sido um empate a cinco, mas que nós ganháramos porque fizéramos os feridos deles e os nossos. O insólito é constatar agora que, mal decorrido um mês, já eu mencionava na minha correspondência apenas cinco feridos da nossa parte. O cabo-verdiano Boaventura Pereira – que até era da minha secção e consta da lista dos feridos em combate naquele dia – tornara-se-me «invisível». Mas acho que isso terá ocorrido por terem sido mesmo muito ligeiros os seus ferimentos.

Oficialmente não houve, pois, nenhum acidente com a tentativa de lançamento do dilagrama e a meia dúzia de guerrilheiros com que nos deparámos – e que nem tempo tiveram para usar as suas armas – acabou na HU por ser multiplicada por cinco, acrescentando, pelo relatório do Fontes, que «o IN utilizou Esp. Aut., Pist. Met. e GMD».

À parte mais algum caso deste género que tenha sido classificado apenas com o genérico «acidente com arma de fogo», já tinha havido sete desastres mortais com dilagramas na guerra em Angola até então. Cinco deles, com um total de 15 mortos, entre 1967 e 1969, a que já se fez referência na Primeira Parte deste livro; um na carreira de tiro dos Comandos em 1972, com um morto (25 de Agosto, 1.º cabo comando da 31.ª CCmds Manuel dos Santos Almeida, da Trofa, Águeda); e outro em Cabinda, no mês anterior, com duas vítimas mortais da CCav 3487/BCav 3871 – o furriel José Pires Dias, de Sarnadas do Ródão, Vila Velha do Ródão, e o soldado Francisco dos Santos Simão, de Corte do Pinto, Mértola.

No ano seguinte, a 15 de Junho, ainda morreria num acidente desses em Cabinda o furriel miliciano da CCaç 5043/73 Eduardo Alberto Nunes Gasalho Simões,

de São Sebastião da Pedreira, Lisboa. Desencavilhou-se-lhe a granada do dilagrama ao saltar da viatura quando entrava no quartel de Caio Guembo. Sorte foi não ter morrido mais ninguém.

\* \* \*

Depois da carta para o meu irmão, que ficou com 12 páginas, escrevi no dia seguinte uma de seis ao meu tio, a tal em que falei da matança do Zau-Évua (que na realidade ocorreu, segundo a HU, na ZA do Quiende), nada lhe falando do que sucedera ao meu pelotão. Sobre guerra, apenas lhe mencionei mais os boatos que havia de na Guiné as coisas estarem mesmo feias, a ponto de tropas destinadas a Angola estarem a ser desviadas para lá, atrasando as rendições dos que acabavam a comissão.

Além de abordar outros assuntos particulares, fiz-lhe um autêntico ensaio sobre Jorge Amado – que o levou logo a comprar, para ler, *Gabriela, Cravo e Canela* – e comentei-lhe o interesse que tinha em obter o *Dinossauro Excelentíssimo*, cuja publicação recente tinha tido um grande impacto em Portugal. Mas, sendo ele muito situacionista, avisei-o de que mais não era que uma biografia satírica de Salazar, contada em sentido figurado. Nunca esperei que mo mandasse, mas fê-lo a 2 de Julho, enviando-me esta análise: «Já o li e confesso que não considero obra de valor, talvez por ser meu hábito condenar tudo o que me pareça exagero tanto em crítica como em louvor [...]. Depois de o leres diz-me, contudo, na tua opinião sincera, como o classificas».

No dia 8 já respondia (que o correio não se tinha atrasado e a leitura fora rápida): «[...] Já terminei de ler o *Dinossauro*. Tanto eu como também o furriel enfermeiro, que é escritor (mas ainda sem nenhum livro publicado; só uns artigos no *Diário Popular*, na *República*, etc. Chama-se João de Melo). A sua opinião foi francamente favorável. Por minha parte, gostei, se bem que de maneira não tão entusiástica. No entanto, é inegável que o Cardoso Pires teve a coragem e a arte de desmistificar e desmascarar Salazar. Muita gente o considerava inteligente, eficiente, insubstituível e quase imortal – e isso não correspondia de forma alguma à realidade. Não passava de um tirano rodeado de lacaios bajuladores. Se fosse inteligente, nunca nos teríamos metido em sarilhos cá em África – ou por uma europeização a tempo ou então por simples entrega quando rebentou o terrorismo; que, no fundo, Portugal – a nossa terra, a nossa Pátria, etc. – é esse bocadinho da Península aí!».

Só nessa carta lhe referi que tínhamos tido um contacto com guerrilheiros, quatro semanas antes, dizendo-lhe que pedisse ao meu irmão que o deixasse ler a carta que lhe enviara contando tudo em pormenor. Nas cartas para o meu tio não repeti a narração do que nos acontecera, como era meu hábito, porque até já me arrependera de ter relatado a verdade ao meu irmão, pelo pacto de silêncio que havia – e pela facilidade com que nos poderiam apanhar uma carta, ficando a hierarquia a saber que o nosso encontro com os guerrilheiros não tinha sido nada como se descrevera, podendo haver quem viesse a ser punido, em particular o Fontes.

\* \* \*

Numa altura do ano que neste momento não posso precisar, mas que talvez tenha sido Junho, em seguida ao nosso encontro com a secção avançada da Companhia Veneno, fui desafiado para, num prazo praticamente impossível de cumprir, preparar uns quantos candidatos para o exame da 4.<sup>a</sup> classe. Um dos alunos era o soldado Martins – o que, embora analfabeto, aprendera crioulo com os cabo-verdianos – e os outros eram todos TE, incluindo o Fernando Manuel e o sargento Martins. Aliás, foi este último que veio ter comigo, dizendo que o Loureiro tinha começado a ensiná-los, mas, perdendo de imediato a paciência, desistira, com o argumento de serem todos burros; e implorava-me que os ajudasse: – «Tu sabes que no dia que sairmos da tropa se não tivermos a 4.<sup>a</sup> classe não arranjamos emprego de jeito. Agora sou sargento, mas depois, sem o exame, não sou nada». Tentei convencer o Loureiro a prosseguir com as aulas, mas ele disse-me que para esse assunto não perdia mais tempo. Fartara-se de explicar as coisas mais elementares e não havia forma de eles aprenderem fosse o que fosse. Acabei por me sentir comprometido com o assunto. Era tal o desafio que estive tentado a nem começar com aulas nenhuma, mas marquei-lhes uma tarde para analisá-los e ver o que se poderia fazer. Concluí logo que em relação ao Martins branco e a dois dos negros, não dava para tentar, pois não conseguiam sequer copiar ou ler fosse o que fosse. Para os restantes estabeleci um plano de choque com o objectivo de tentar o impossível. [E, quanto a esse Martins, soube num dos últimos encontros da companhia que acabou por fazer lá o exame da 4.<sup>a</sup> – e tirar até a carta de condução – mas já nem se lembra de quem foi que o preparou. Se foi o Valdemar Henriques, furriel do seu pelotão – que também levou alunos a fazer a 4.<sup>a</sup> classe (e que na ocasião já regressara a Portugal) –, é confusão minha considerar que tivesse sido ele; terá sido outro o branco em questão.]

O exame viria a ter umas contitas – para as quais teria de ter toda a paciência para ensinar de verdade – mais a leitura de um texto do livro da 4.<sup>a</sup> classe e uma redacção. E nestas tive de arranjar um atalho, que foi logo resolvido no dia. Quanto à leitura, mandei cada um abrir o livro à sorte e, onde o abriu, dobrá-lo e dobrá-lo inúmeras vezes, para ter a certeza de que aquele seria o texto a ler no exame – rezando para que o examinador também viesse a mandá-lo abrir à sorte. E cada um naquele período que antecedia o exame apenas teria de ler aquela única lição. No referente à redacção, optei por «A minha terra» e fi-la eu mesmo no caderno de cada um, recorrendo a frases curtas, com o que respondiam ao que lhes ia perguntando. Eram todos de Maquela do Zombo, excepto o sargento Martins, que era do Huambo. Em cada uma dizia-se o nome da sanzala e o rio que havia perto, se fosse o caso. Numas tinham gado, noutras mais bananeiras ou magueiras, as mulheres faziam isto, os homens tratavam daquilo, etc. E, para quebrar o padrão, em alguma redacção falou-se da Missão mais próxima, noutras de quem era o soba e numa até se disse que «muitos dos homens estão na Tropa Especial, como eu».

Obriguei-os de um dia para o outro a fazer primeiro duas, depois três e logo quatro cópias da redacção, recomendando-lhes que em casa – ou na caserna, os que não tinham ali família – «cantassem» a tabuada e lessem repetidas vezes a lição. Em cada aula começava por contar as cópias feitas da redacção, corrigindo algum erro da última delas; e mandava cada um ler o respectivo texto, para avaliar os progressos. Em seguida ensinava de verdade os rudimentos da matemática – os «problemas». A chatice eram as contas de dividir, mas as de multiplicar também nem sempre saíam bem. As de somar e subtrair é que ficaram no papo, ainda que tivessem de contar pelos dedos.

A evolução naqueles dias foi enorme. Para eles, quase pior do que a recruta de *comandos*-TE que tinham tido. No sábado em que foram a São Salvador fazer o exame, iam mais que preparados, mas só mesmo para a redacção que levavam ensaiada e para a leitura do texto para o qual cada um se tinha preparado – que até já o leriam com o livro fechado.

À entrada para a sala, disse-me a professora «Branca»:

– Senhor furriel, vocês trazem os alunos a exame com tudo demasiado ensaiado. Não me diga que redacção quer, porque o exame tem de ter um mínimo de decência. Desta vez vai ser sobre «O trabalho».

– O trabalho, senhora professora? Que sabem eles, pobres africanos, sobre o que é verdadeiramente o trabalho?

– Pois então, vai ser «A minha terra».

Acertara na mouche, por absoluto milagre... Não podia, contudo, dar a entendê-lo, senão ela ainda mudava de ideias; e pus reticências, mas não muitas:

– São terras tão diferentes...

– Senhor furriel, não insista, vai ser mesmo «A minha terra»...

E foi! Se não fosse, o desastre teria sido absoluto, com chumbo colectivo. Que sorte!

Todos os meus alunos assistiram impassíveis àquela conversa, como se não fosse nada com eles. «Coisas de brancos!...», terão pensado, sem notarem que se jogava naquilo o seu futuro. Na redacção, escusado será dizer que pareciam doutores – e poucos erros terão dado; nas contas imagino também que a desgraça não tenha sido extrema. Quanto à leitura – que felizmente os livros foram de facto abertos ao acaso, descerrando-se só na lição exacta de cada um – todos leram da forma mais desembaraçada.

A lição do Fernando era «O Caminho Marítimo para a Índia» e leu-a de maravilha, não sendo, aliás, de esperar outra coisa. Mas a menina «Branca» lembrou-se de lhe fazer uma perguntazita de interpretação das mais simples, claro:

– Quem foi Vasco da Gama?

E o Fernando, rapaz esperto e ágil, que lera aquilo tudo que nem um papagaio, não se deixou intimidar, respondendo com o mais óbvio que lhe ocorreu:

– Prêsidete dà Rêpública!

Fiquei gelado. Com a pressa da preparação, nem sonhara com a possibilidade de haver perguntas de interpretação e não me passara pela cabeça que, ao fim de tantas leituras do mesmíssimo texto, continuassem a não entender o que ele dizia. A professora, mais habituada que eu a África («coisas de negros!...»), limitou-se a sorrir, não dando grande importância ao disparate.

Ficaram todos aprovados. O sargento Martins, reconhecidíssimo, agradeceu-me imenso o trabalho que tivera e quis oferecer-me o almoço. Ia aceitar com todo o gosto e começámos a dirigir-nos para o Estrela do Congo. Ele começou a ficar atrapalhado, acabando por querer dar-me dinheiro para eu almoçar sozinho, dado que considerava que no restaurante não poderia sentar-se à mesa comigo. Fiquei perplexo com esse seu pensamento e quis que ele entrasse.

– Mas já costumavas sentar-te comigo na mesma mesa no quartel... – argumentei.

Ele, porém, não acedeu, dizendo que no quartel era diferente, que ali era um sítio exclusivo de brancos. Respondi-lhe que não, que entravam também negros, mas ele continuou a negar-se. Dispus-me a ir ao Kimpala se ele achasse que não teria problema em lá entrar – e manteve a recusa. Disse-lhe que até era eu, com todo o gosto, quem o convidava e que pagava – ali no Estrela ou onde quisesse. Insisti e insisti, mas em vão. Queria dar-me mesmo o dinheiro para não ter de me sentar comigo à mesma mesa. Assim, não aceitei. E fiquei chocadíssimo por ver como raciocinava. O que o colonialismo lhe tinha feito!...

Os meus alunos – há que reconhecê-lo – não eram analfabetos de todo. Mas o desafio fora brutal e fiquei feliz por tê-lo superado, oferecendo-lhes uma preciosa arma para a vida civil – uma vida a que seguramente poucos acabaram por chegar mais tarde, com a nova guerra, já só entre angolanos, talvez com todos eles do lado da UNITA (na Madimba, depois da derrota militar deste movimento, foi montado um centro de reinserção social e económica para ex-combatentes seus – eufemismo para um campo de concentração semienfiteutário em que ficou a haver uma acentuada marginalidade).

Como disse, não tenho a certeza de quando foi isto (e não encontro nenhuma carta que o ateste). O Fernando tinha ficado ferido no encontro com os «turras», pelo que talvez não tivesse sido em Junho. Poderá ter sido em Maio, mas nesse caso o Loureiro não teria ido com o 2.º Grupo para a cidade – o que seria de admirar. Na realidade, pertencia ao meu e andava a tapar furos nos outros, muitas vezes no 2.º, por ficar o Silva a fazer serviços na secretaria.

Mas, ao constatar que do batalhão precedente houve quem tivesse exames em São Salvador em Julho de 1971, concluo que deve ter sido realmente nesta época – e que os ferimentos do Fernando a 12 de Junho, além de não serem impeditivos de ir a exame, ainda foram favoráveis para ele ficar mais livre (escapando a alguma operação) para o monte de trabalhos que lhes dava.

Por curiosidade, veja-se o que a HU do BCaç 2890 refere quanto a esses exames: três soldados do Cuimba e sete da Buela fizeram exame da 3.ª classe; e cinco do Cuim-

ba e quatro da Luvaca, além de um cabo da Luvaca e outro da Buela, o da 4.<sup>a</sup> classe. Na mesma altura, um furriel e um alferes da CCS fizeram dois exames soltos do 7.<sup>o</sup> ano – de Desenho e de Organização Política e Administrativa da Nação, respectivamente – o que significa que o furriel (que era sapador) antes da tropa já tinha quase o 7.<sup>o</sup> ano e se preparava para seguir Engenharia, mas que o alferes (de reconhecimento de infantaria) não o tinha completo. Por outro lado, entre os 21 que fizeram exames do ensino primário – todos continentais ou, no máximo, havendo entre eles algum insular, pelos apelidos – não houve um só da Calambata. Talvez por antes, no desterro da Magina, não ter havido quem tivesse pachorra de ensinar. Ou de aprender.

\* \* \*

No mesmo domingo 8 de Julho em que escrevi a tal carta de réplica ao meu tio, escrevi uma de apenas duas páginas, de linhas espaçadíssimas – que caberiam numa única página – para a minha mulher. Era a carta n.º 224 (23.<sup>a</sup> após o regresso de férias) e as páginas eram as n.ºs 1801 e 1802 desde o início da comissão – sinal de ter sido bem mais loquaz com ela antes (em cartas posteriormente todas queimadas, como disse). E esta era mesmo sarcástica: «Ontem recebi o livro, o *Expresso* e a revista. Quanto ao livro, agradeço-te. Tinha um, agora tenho dois. Se quiseres, manda outro, que fico com três iguais, já que te tinha dito que andava a ler *Tereza Batista*, mas o teu desinteresse [é enorme]... Quanto ao *Observador* que me mandaste, só digo que é de rir: estás ou devias estar fartíssima de saber que o assino cá. Se ao menos me mandasses outra revista, mas logo uma que eu compro cá... Não cabe na cabeça de ninguém. Obrigado pelo teu desinteresse por mim». A esta distância, até vejo como bastante razoável a falta de interesse de que a acusava, por já ser ponto assente que cada um seguiria o seu rumo na vida, mas naquele momento parecia-me ser uma punhalada – que as punhaladas que lhe dava não contavam... Reclamava pela falta de atenção que na verdade não merecia, agindo de modo extremamente egoísta.

Uma semana depois, na segunda dia 16, já lhe escrevi nova carta, de Luanda, (a seguinte, também de duas páginas) muito mais normal. Contava ter ido para lá com o Coelho no sábado, termos alugado carro para ir no domingo à Barra do Cuanza (um *autobianchi*... mesmo branco), aonde só chegámos às quatro da tarde por termos tido um furo; que no sábado víramos uma revista foleirota (*Ó Menina, Olha a Vacina*) e que na tarde dessa segunda-feira teríamos o exame, planeando alugar novo carro no dia posterior ou no imediato, para ir às Mabubas, no limite do itinerário livre antes da zona de guerra dos Dembos. O certo é que às 18.30 horas desse preciso dia já alugámos novo carro (um *honda 600* – tenho o contrato-factura), em que até ao dia 20, a véspera de partirmos de novo para São Salvador, fizemos mais 446 km (e algo mais de 1000 nos dois carros). Fartámo-nos de dar voltas, recordando-me sobretudo da maravilhosa «ilha» do Mussulo, a que se acedia de barco, mas que afinal é uma península, tal como a «Ilha» ou ilha do Cabo em Luanda.

Estávamos na Residencial Avenida, onde nos alojáramos com dois furriéis da Buela – o lisboeta António José Gordo Pereira e Anastácio Marto (um ex-seminarista de Aljustrel, Fátima, que era filho de um primo dos videntes) – que nos acompanharam nas digressões. Ainda cheguei a conduzir 5 km até à Barra do Cuanza, tendo fotos com eles diante da impressionante ponte cuja construção estava a meio.

Num desses dias fui à noite ao Teatro Avenida ver uma peça moderna, que foi das que mais me impressionaram na vida. *O Homem do Princípio ao Fim*, um texto colectivo com um resumo das desgraças na história da humanidade, representado por uma companhia brasileira tal como a *Missa Leiga* que vira em Março, com os actores a executarem papéis diferentes ao longo da peça. Misturava-se o que se representava no palco com a leitura simultânea por vários actores entre a plateia de notícias descontraídas de vários cataclismos e outras catástrofes relatadas em diferentes jornais; e apresentavam-se denúncias sérias das falsidades e arbitrariedades do Cristianismo (em especial dos Templários e da Inquisição). Numa das cenas havia no palco dois Cristos crucificados – de um lado o oficial, do outro o dos Evangelhos, em acesa polémica. Focava-se depois o Holocausto e a fechar, a bomba atómica. Após um bom pedaço em que se ficou às escuras, com os espectadores sem saberem que fazer, surgiu projectada no ecrã do palco uma flor que conseguia nascer e desabrochar passado o inverno nuclear, renascendo a vida. Seguidamente, os actores vieram para a plateia, de cesta no braço, entregar uma flor a cada espectador. Os actores às senhoras e as atrizes aos cavalheiros. E saiu aquela gente toda para a rua de flor na mão. A meio do caminho para a pensão, espantei-me de ainda a levar e, considerando que aquilo era mariquice, deitei-a fora. Mas a peça dera-me muito que reflectir.

Estive todos os dias, à tarde ou à noite, com a Filó, nuns encontros algo deprimentes. Pousava-lhe o dinheiro na mesinha de cabeceira, de forma discreta, para atenuar a sensação de amor mercenário; e, no fim do sexo – sempre espantoso –, mal dava para falar; e muito tinha para dizer... Algumas vezes a patroa até vinha bater à porta do quarto para nos despacharmos, quebrando-me um bocado a ilusão. Na última ocasião em que fui para a cama com ela acabei por prometer retornar a Luanda, encontrando-me com ela todas as noites, depois de sair do «trabalho», à uma da manhã.

Assim, voltei para o mato com o exame feito – que era o de menos – mas com uma ilusão renovada na Filó e já com saudades.

A ideia de ir às Mabubas partiu de um dos outros furriéis, que tinha lá um amigo. Levávamos, escondida debaixo do banco do lado oposto ao do condutor, uma *Walther* requisitada não sei bem onde e foi lá, nas Mabubas, que tive a primeira experiência com liamba. Talvez por não ter travado o fumo, não notei o mínimo efeito, mas na vinda para Luanda a viagem tornou-se-me fantasmagórica, pouco tendo faltado para ficar debaixo do comboiozinho a vapor na Fazenda Tentativa, no Caxito, onde paráramos sem me ter dado grande conta disso. Sei que se aproximou a locomotivazita, dentro de um halo de vapor, desviando-me eu de cima dos carris com ela já quase

a alcançar-me. Nem sei se apitou, ou se o apito que tenho na memória estava apenas associado ao do velho «Vouguinha» a vapor...

\* \* \*

No dia do regresso, já eu escrevia na Calambata a minha única carta à Filó, para a qual nunca obtive resposta: «Talvez aches que sou parvo ou tenha estado a fingir, mas na verdade fiquei mesmo maluco por ti (...) // No próximo mês vou ver se arranjo maneira de ir passar aí uns dias; conseguindo isso, irei dar sangue, para depois gozar mais dez dias. // Entretanto em Novembro termino a comissão e na “hora di bai”... eu fico! Não vou mais viver no inferno que é o meu lar. Estando tu interessada, começaremos uma vida nova, cá ou em Moçambique. E estou certo de que então consigas ser tão ou mais decente que as mulheres decentes, que nem sempre o são. // Contigo julgo que não será difícil viver em paz, à minha maneira, sem zangas, dando-nos bem em tudo, inclusive onde falham muitas das brancas – na cama. Além disso é das mulatas que mais gosto – e tu és a mais simpática de todas as que até hoje conheci».

Decididamente, tinha encontrado uma nova *Gabriela (Cravo e Canela...)*. Chamava-se Filomena «qualquer coisa» da Luz, vivia no BO (Bairro Operário), de má fama, e, sinceramente, penso que não acreditou nas minhas palavras. Nem nas da carta nem mais tarde, quando voltei a Luanda para fazer mais dois exames para os quais não estava sequer preparado – mero pretexto para tornar a estar com ela. Mas Luanda e ela eram um íman que me atraíam no que imaginava ser a recta final da comissão. Mais à frente, os detalhes.

\* \* \*

Mal descemos do avião em São Salvador tínhamos uma coluna para nos levar para a Calambata – em especial a mim, para participar na operação mais dura de quantas me tocaram em toda a comissão. Uma operação que, segundo me disseram, se teria atrasado um dia, conforme escrevi em mais que uma carta, porque no caminho havia minas postas por mim. Se não fosse isso, teria escapado, mesmo à tangente.

Tratou-se da operação «Mirandela», para ir buscar a ossada do Manuel Rebelo Fonseca à «Campa do Morto», na fronteira, para lá do núcleo mais denso da «Mata da Binda». Era o soldado da CCaç 1652 (BCaç 1900) que em Dezembro de 1967 ali morrera, numa armadilha nossa, na altura da sobreposição para serem rendidos pela CCaç 1783, do BCaç 1930 – e cujo corpo, como já se relatou, não pôde ser trazido pelo pessoal.

Começámos 99 homens (e um cão, da Luvaca) no dia 22, com ração de combate para uns escassos dias, e só regressámos, vivos e inteiros, ao fim de uma semana, com o objectivo atingido, depois de andarmos perdidos, de termos aberto umas quantas covas em vão, calculando tratar-se da tumba, e, sobretudo, de termos estado na expectativa de um iminente ataque maciço do ELNA (que não se concretizou).

Comandou-nos o capitão miliciano Manuel Cajão, da CArt 3447 (Luvaca) e fomos quatro pelotões – um seu (o do alferes Humberto Fernandes, com os furriéis Vic-

tor Afonso, António Manuel Faria e Adérito Nunes, sendo os dois primeiros, tal como eu, de minas e armadilhas), o do alferes Rocha da CArt 3448 (Buela) e dois da CArt 3449 (Calambata) – o 1.º e o 3.º. Aquele que integravam os furriéis Fernandes e Dinis, comandado pelo alferes Carlos Alves António (do 2.º), por impedimento do «Terras», que estava a comandar a companhia; o 3.º – o meu – comandado mais uma vez pelo Fontes, dado o alferes Correia ter partido de férias para o Brasil.

Numa extensa carta que escrevi ao meu pai, assim que voltei da mata, para tentar pôr água na fervura, como se costuma dizer, num conflito entre ele e dois dos meus irmãos mais novos (éramos seis, e eu o mais velho), resumi em dois parágrafos a odisseia, depois de relatar que chegara de Luanda e tinha cartas da minha mãe, do meu irmão – o amanuense – a seguir e de um dos mais novos a relatarem o tal conflito, mas que não lhe escrevera logo por estar cansado (pois na última noite em Luanda, de sexta para sábado, nem dormira). A fechar ainda me justifiquei, exagerando na pretensa «preocupação»: «O meu atraso deveu-se unicamente à operação à “Campa do Morto”, em que estivemos expostos a verdadeiros perigos pela última vez (que, ao termos os ossos cá, a nossa guerra já está ganha). Mas olhe que uma minha grande preocupação em todo este tempo foi esta carta que tinha para lhe escrever». Eis a descrição sumária da nossa epopeia nessa carta:

«[...] Essa operação – ir à fronteira a pé buscar os ossos do tal rapaz que morreu em 1967 (o da dita “Campa do Morto”) – era para durar apenas 3 dias, mas acabou por se prolongar até 8. Oito dias difíceis, em que inclusivamente passámos fome e sede, e em que estivemos sempre à espera de um ataque. Seguimos trilhos dos ‘turras’, vimos um acampamento deles com algumas cabanas e só por sorte – ou, para quem acredite nisso, por milagre – não pisámos uma mina que os tipos antes de fugir, quando nos pressentiram, nos puseram no trilho. Fomos uns 70 a passar por cima sem ninguém a pisar. Eu inclusivo. Depois um cabo [da minha secção] viu-a, avisou e eu próprio a levantei, tendo-a agora em meu poder. // Foram 8 dias de verdadeiro sacrifício, com grande parte do caminho a ser aberto à catanada entre vegetação densíssima e com declives acentuados».

Ano e meio antes, ao receber dos «velhinhos» da CCaç 2609 a «Campa do Morto», fomos num dia e viéramos no seguinte. Por muito ter circulado naquela picada, em especial antes de abandonarem a Magina, a coluna ainda pôde entrar na picada das antigas sanzalas de Canga e Boanza, levando-nos até junto da árvore tombada sobre o rio. Mas, pouco depois de se irem embora os «velhinhos», tive de montar lá as tais minas e nunca mais lá entrámos. Tendo alguma operação para ali, costumávamos acampar 3 km antes, na Magina Velha, de onde recorde ter trazido numa ocasião limões verdes, que vieram a ser utilizados na messe, nos *gins* tónicos e nos *martinis*. Foi quando voltámos ao quartel satisfeitos por trazermos um «prisioneiro» – um esfomeado cão «turra» que se acercara de nós; mas o capitão Contento de Sousa não achou piada nenhuma:

– Ó rapazinhos, que ideia foi essa de trazer mais um cão? Qualquer dia há 153 cães, tantos quantos os homens da companhia – e eles comem uma barbaridade.

Não se voltou a entrar, pois, com viaturas ou a pé, na tal picada de Canga e Boanza. Naquele ano e meio, as trepadeiras e demais vegetação tinham tapado por completo o seu início, por ficar em zona de mata cerrada. Mais adiante, em zonas de capim, conseguia notar-se algum indício dos rodados aqui ou além, mas nos sítios em que cruzava mata já a picada estava mesmo apagada. Até árvores de mais de 3 m de altura e de um palmo de espessura havia onde antes estavam os rodados.

Apeámo-nos na Comandante Seabra e erradamente tentámos chegar ao rio Luvo, acompanhando os vestígios dos 6 km de picada. Teria sido bastante mais fácil avançar a corta-mato seguindo o azimute, mas, se os da Luvaca e da Buela nem conheciam o caminho, nós recordávamos bem que no início da comissão o trilho dentro da floresta apenas se identificava em muitos lados pelas catanadas deixadas nas árvores na visita anterior – e novas catanadas se davam, para o reconhecer na ida posterior. Com receio de não encontrarmos o início do dito trilho, tentámos seguir passo a passo a picada; e fomo-nos perdendo constantemente.

Assim, gastámos o domingo, 22, e a segunda para chegar ao local em que se atravessava o rio Luvo sobre a tal árvore caída, encontrando lá umas cabanas com indícios de ocupação recente pelo IN.

Passado o rio, fomos a duras penas subindo e descendo morro após morro, dentro da floresta, tendo então passado os primeiros 70 por cima da mina APes *encrier* modelo M35 que os guerrilheiros em fuga precipitada nos deixaram no caminho. A explicação para nenhum de nós – eu incluído – a ter pisado é simples: com a pressa, eles não tiveram tempo de enterrá-la (e o piso ali era duro); assim, pousaram-na no chão, do lado de lá da raiz de uma daquelas árvores de grande porte que têm raízes tipo suporte estrelado na base do tronco (e picos cónicos por ele acima). Era difícil de ver, por estar encoberta (que a raiz ficava saliente quase dois palmos), mas também difícil de pisar, dado que ou se punha um pé antes e outro à frente, ou um em cima e outro já mais além. Só a pisaria quem escorregasse, roçando com o calcanhar da bota pela face da raiz abaixo.

Houve foi a sorte de ninguém resvalar até o 1.º cabo José Alves da Cunha, que ia cabisbaixo, bastante doente com paludismo, a ter visto, alertando-me. Fui eu que a levantei, ou melhor, que, depois de mandar que todos se afastassem, a recolhi.

Passava das cinco da tarde. Quem a pisasse ficaria sem o pé, na hipótese mais favorável. Mas poderia mesmo vir a morrer pela dificuldade de evacuação àquela hora e naquele local. Muito se teria de andar com o ferido às costas para o poder levar até onde ele pudesse ser recolhido. No encontro dos veteranos do BArt em 2008, no Montijo, o capitão Cajão, que se formou em Medicina depois de voltar de Angola, e que num encontro anterior já tinha mostrado interesse ao Campos em conhecer-me, ao saber que eu estava presente, veio ter comigo, dizendo-me, diante deste, que me consi-

derava o seu salvador por, segundo manifestou, «continu[ar] a pensar inúmeras vezes que, se a mina não tivesse sido descoberta antes, teria sido [ele] próprio a accioná-la, tal era o azar que andava a persegui-lo». Mas, se alguém o safou, não fui eu, que até já tinha passado por ela; foi o futuro GNR José Cunha, que a viu.

\* \* \*

Retornando à operação «Mirandela», mal se levantou a mina, ouvimos um tiro isolado mais adiante que se destinaria a dar o alerta pela nossa presença – ou a constatar que não accionáramos a mina. Prossequimos a marcha com o máximo cuidado, receando cair numa emboscada a qualquer momento – que facilmente nos atingiriam de pontos mais altos, ainda que o arvoredado também nos protegesse. Acabámos por jantar e pernoitar em fila no trilho, embrulhados nos ponches e sob chuva miudinha, mas de armas apontadas para fora, à cautela. Dormi num sono cheio de pesadelos, tendo como almofada o saco em que guardara a mina, dentro de uma lata vazia de leite achocolatado.

Na quarta, dia 25, ao cair da tarde, chegámos à orla da mata, sendo «saudados» por mais uns tiros de aviso, mais à frente, do nosso lado esquerdo. Diante de nós estendia-se o extenso vale que desemboca no rio Lunguézi, que serve ali de fronteira, com montanhas e floresta em todo o redor em forma de «U». (Pelo menos é a ideia que agora tenho.) A meio da savana, bem perto do rio, também todo ele coberto por mata, o arvoredado da antiga sanzala de Lula que, quando existia, tinha mais ligações com o Congo que com Angola; e do lado de lá, a uns 3 km da fronteira, um pouco para a direita (nascente), a sanzala do Lumeka, onde havia um quartel do ELNA.

Montámos o acampamento ainda dentro da «Mata da Binda», com mais segurança que na véspera, se bem que ao anoitecer tivessem começado a vir para o Lumeka camiões e camiões. Nós só víamos as luzes, mas imaginávamos camiões a trazerem reforços para virem atacar-nos – que ali, apesar de estarmos a nível de companhia, estávamos bem distantes em caso de necessitarmos de reforços. Foi, pois, com muito receio que nos deitámos, mal conseguindo dormir, à espera do pior. Porém, nada nos sucedeu; e, quando terminámos a operação, soubemos que o medo deles tinha sido maior que o nosso, dado que, pela informação obtida pela DGS, as viaturas na realidade vinham era fazer a evacuação da aldeia e da base, com receio de que fôssemos atacá-la.

Na quinta alcançámos finalmente Lula, contornando o vale pela vertente potente e atravessando uma antiga plantação com abacaxis esguios e altos ostentando uns frutos raquíticos, devido à sombra do enorme matagal que por ali tinha nascido de modo espontâneo – uma fazenda que naquele lugar, enquanto existiu, só poderia mesmo ter fornecido o Congo. Dela sobravam uma só parede com o buraco de uma janela, e uma bananeira ao lado.

Menos ainda restava de Lula, onde montámos acampamento. Os únicos vestígios eram as palmeiras, mangueiras, tangerineiras e laranjeiras. Espantosamente – e para nossa satisfação – estas apresentavam-se carregadas de fruta madura, porque os

guerrilheiros (e os refugiados angolanos) ignoravam que deixara de haver armadilhas ali depois da que matara há mais de cinco anos o soldado Fonseca. Na verdade, estavam depenadas unicamente as tangerineiras mais afastadas do núcleo da antiga sanzala.

Dentro não havia mangas, por não ser época delas, mas foram recolhidas umas 2000 laranjas e tangerinas, que se distribuíram – 20 a cada homem – para matar a fome e a sede, porque já era o quinto dia e tínhamos levado ração apenas para três dias, estando todos bastante debilitados. No dia seguinte, o que não faltava por ali à volta eram «pudins de laranja»!...

E não pudemos regressar de imediato, como estava planeado, pela dificuldade que tivemos em encontrar a sepultura. Tínhamo-la visto no início da comissão com a terra algo sobre-elevada (como nos cemitérios das nossas aldeias nos anos 50) e o croqui localizava-a no alinhamento de duas árvores que não entendíamos quais seriam. Começámos logo na manhã de quinta a escavar onde nos foi parecendo, bastante à sorte, sem nada encontrar. Continuámos à tarde a escavar noutros sítios, também em vão. Tivemos, pois, de pernoitar em Lula, para prosseguir as buscas no dia posterior, já com uns quantos sítios capinados e esburacados.

Na quarta não se tinha podido fazer reabastecimento aéreo, por estarmos dentro da floresta. Porém a Força Aérea, com a desculpa de «o tecto estar baixo», embora o céu estivesse mesmo límpido, só após muita insistência o fez na tarde de quinta, seguramente por haver informações de que a guerrilha poderia ter por ali antiaéreas, sendo o *DO* um alvo fácil de abater. Constou, pelo menos no meu pelotão, que, por não levar alferes, ficava mais fora do que os oficiais «cozinhavam», que o capitão dissera pela rádio que ou nos vinham reabastecer, ou se assaltaria a aldeia zairesa ali de frente – mas isso não terá passado de mero boato, que na tropa era o que mais havia. A verdade é que, ao vir por fim o *DO* reabastecer-nos, os sacos com as rações de combate foram-nos lançados de tal altura que, ao impactarem no solo, se esborracharam as latas de leite achocolatado. Já tínhamos sido reabastecidos por avião na primeira operação de 1972 com voos rasantes tipo *looping* em que os sacos foram recebidos em perfeitas condições, mas dessa vez não. Até foi uma sorte ninguém ter sido apanhado pela queda de algum deles – que bem poderia ter sido fatal! – e ficámos com a ideia de não termos localizado todos os que nos foram atirados, tão espalhados eles ficaram. Na sexta-feira a Força Aérea ainda voltou a reabastecer-nos, mas no sábado não.

Seriam as cinco da tarde de quinta-feira quando fomos uns quantos voluntários com o alferes Alves António encher cantis ao rio Lunguézi. Já próximo dele, no capim, considerámos mais prudente acercar-nos por dentro da mata, mais adiante, e assim o fizemos. Mas caminhámos e caminhámos e o rio nunca mais aparecia, pelo que começámos a entrar em pânico, por pensarmos que nos tínhamos perdido – e a noite estava prestes a cair. Já quase decididos a desistir, deparámos por fim com o Lunguézi. Tinha a ideia de atravessá-lo – que não passa de um riacho de água límpida, pelo menos no cacimbo – para poder dizer que tinha ido à República do Zaire, mas

acabei por nem me lembrar disso (e do que me recordo bem é do receio que tivemos de ser recebidos à rajada ao descer para o leito do rio – que o capim do lado de lá começava a meia dúzia de metros). Foi apenas encher os cantis e voltar a toda a pressa para sairmos da mata antes de anoitecer. Só agora, a olhar para o mapa, entendo a razão de, estando o rio tão perto, um pouco mais adiante já não o encontrarmos: é que naquele sítio exacto ele faz um cotovelo acentuado pelo Zaire dentro. É o biquinho sobressaído que há na parte mais recuada da fonteira fluvial Luvembo-Lunguézi-Luvo entre o Marco XVIII e o Posto Administrativo (e aquartelamento) do Luvo. Quem olhar para um mapa de Angola identifica-o logo. Pegado, à esquerda (oeste), ficava logo a «Campa do Morto»; e a seguir Lula.

Encontrámos a campa somente no final da manhã de sexta, ao cair um soldado num sítio algo rebatido de formato rectangular, uns 20 m para além de onde mais nos tínhamos fartado de escavar. Na tumba, que antes era saliente, já a terra tinha cedido e o tronco da árvore que servia de referência ardera numa queimada e estava tombado ao lado, coberto pelo capim. Depois do pessoal da Calambata ter escavado um bom pedaço – que os da CCaç 1783 não tinham enterrado o corpo tão baixo como há quem diga – atingiu-se o esqueleto, que se recolheu osso a osso para dentro de um saco, tocando ao pessoal da Calambata carregá-lo na vinda. Cheguei a sopesá-lo, concluindo que o «morto» teria sido um homem bem corpulento. Nem o seu nome conhecia então; actualmente até sei, pela foto do seu último corte de cabelo, ao seu camarada transmissões António Dias, que nem sequer era alto; apenas algo entroncado para os 22 anos que tinha.

Às quatro da tarde iniciámos o regresso, mas tivemos de pernoitar antes da floresta, num sítio da savana com umas quantas árvores que achei demasiado exposto a um possível ataque à morteirada. Pelo menos o que ficou atribuído ao 3.º pelotão. Recordo que o Fontes ainda me mandou, com a minha secção, para a parte mais desprotegida, ficando ele trás da única árvore das imediações. Em Lula, se bem que mais perto do inimigo, tínhamos ficado com muito mais segurança.

Já ninguém tinha tabaco. Só ao Dinis é que lhe sobravam uns escassos «mataratos» da marca *Hermínios*, que foram compartilhados, sendo cada cigarro fumado por mais de meia dúzia, passando das bocas de uns para as dos outros, como se fosse liamba. Engasgávamo-nos e ainda tínhamos de dar cada chupadela no cigarro com ele dentro da mão, para não denunciarmos a nossa posição pela ponta incandescente, que se poderia ver a quilómetros. Era o sistema para fumar à noite na mata, razão pela qual tínhamos, os que mais fumávamos, além dos dedos, também a palma da mão amarela do tabaco.

\* \* \*

No sábado atravessámos penosamente a «Mata da Binda», na maior parte do percurso a abrir novo caminho à catanada, com receio de alguma emboscada no tri-

lho da ida. Para seguir o azimute 180-190° que nos levasse para fora da floresta, na savana das imediações de Boanza, tivemos de subir e descer morros íngremes e de vegetação intrincadíssima; e com uma pressa desumana, apesar da inevitável lentidão. Os homens da frente, que tinham de abrir caminho, estavam sempre a ser revezados. Tão extenuados vínhamos – e alguns já sem nada para comer –, que eu esgotei os palavrões e «inventei» um novo:

– Ai a «coisa» da minha madr\*\*\*\*!

Um autêntico sacrilégio, porque lhe tinha imenso respeito e, quando a encontrava, sempre lhe pedia a bênção. O alferes Rocha, da Buela, que, embora fosse gorduchinho, garantiam que era karateca e conseguia partir tijolos com um só golpe da mão, já chorava e pedia que o deixassem para trás. O Cunha, ainda debilitado pelo paludismo, ao cruzarmos o Luvo num local diferente do da ida, por recearmos a espera dos «turras» no atravessamento mais óbvio, resvalou e caiu à água, levando-o a corrente uns larguíssimos metros, e não detendo ninguém a marcha para socorrê-lo. Ele lá se desenrascou, tendo tido dificuldade em recuperar a arma, e ainda hoje se mostra fulo com a falta de camaradagem naquele instante em que quase se afogava:

– Vós bem me deixáveis ir pelo rio abaixo...

Entre os graduados da Calambata, quem melhor resistiu, sem nunca perder o sentido de humor, foi afinal o Dinis, como eu reconheceria mais tarde, na carta de 7 de Novembro ao Mendes.

«No rio Luvo encontrámos mais um trilho e uma cabana onde os da Luvaca, que eram os que nesse momento iam à frente, encontraram diversos “quicos”, uma farda, um carregador de arma FN, resto de tabaco, um penso de primeiros socorros, etc.» – escrevi eu na minha carta 227 para a minha mulher, na segunda-feira 30 de Julho, acrescentando que «no domingo às 9.30 chegámos à picada [Comandante Seabra] depois de eu ter levantado 3 das 4 minas que tinha na picada da Canga e Boanza», não tendo na altura «desactivado» a outra por estar alto o capim e não ser «seguro» aproximar-me dela antes de ele estar queimado [mas as cápsulas fulminantes já eram das que eu sabotara]; e que nos tinham recolhido às 10, estando eu na altura com ambas as pernas das calças descosidas (e «reparadas», uma com um fio de sisal e outra com um de plástico, atados aos bocados em buracos feitos com a ponta da faca de mato). Todos sebentos como nunca, dado que naqueles oito dias não tomáramos um único banho; e eu, com o meu velho receio de ter de fugir descalço, nem uma única vez descalçara as botas.

Na Mamarrosa foram-nos servidos bifes, ovos estrelados e cervejas, acabando por almoçar mesmo em São Salvador, quando já passava bastante das duas da tarde. Eu, o Fontes, o Simões e outro – talvez o Oliveira «Solteiro» ou o Campos – sentámo-nos numa mesa do Estrela do Congo e pedimos quatro frangos de churrasco – um para cada um! – para nos refazermos daquela semana a latas de conserva e laranjas. Mas vínhamos tão imundos e apestávamos de tal maneira que até uns

civis, que almoçavam na mesa ao lado, se mudaram, de sobrolho franzido, para outra ao fundo da sala.

Nessa carta referia a recompensa que teria, mas que afinal nunca me deram: «Devo receber 500\$00 de prémio pelo levantamento da mina, mas isso vai ser tudo para pagar cerveja aos soldados. Constou-me que o capitão Cajão me vai louvar por tê-la levantado, mas duvido disso, pois foi tarefa demasiado fácil». Depois de confessar que nunca me soubera tão bem na vida um duche como o que tomei à chegada à Calambata, concluía: «O que vale é que depois de amanhã já iremos para São Salvador. Vai ser um mês de descanso».

Tinha sido a mais árdua e perigosa operação que fizéramos até então. E achávamos que não voltaríamos a fazer outra assim no resto da comissão – o que felizmente veio a confirmar-se.

\* \* \*

Não recebi louvor algum – nem o merecia, é certo, mas custou-me que o alferes Correia não tivesse feito pressão para o «Vicente» ser louvado pela forma intrépida como acudira aos feridos no nosso encontro com a secção avançada da Companhia Veneno (até porque isso atenuaria possíveis consequências da punição que tivera – e ainda viria a ser agravada – pelo tiro que dera na sanzala de São Salvador). E que não sugerisse também um louvor para o Fontes, que nos comandou nessa altura nas duas piores operações da comissão (que na «Primavera Dourada», na Madimba, embora também dura, não corremos risco algum), sendo de realçar que tanto o Fernandes como o Vaz receberam louvores por terem substituído os respectivos alferes no comando dos seus pelotões...

No entanto, curiosamente, o próprio Correia – que não esteve naquela operação, por ter ido ao dentista, nem na «Mirandela», por estar de férias no Brasil – foi louvado pelo nosso comandante no fim da comissão. Aliás, foi mesmo o único alferes operacional do batalhão a ser louvado por ele. Estranho!

Já que deste assunto se falou, eis o quadro-resumo dos louvores concedidos no batalhão:

LOUVORES Pelos Cmdts	CCS/Bart Cuimba	CArt 3447 Luvaca	CArt 3448 Buela	CArt 3449 Calambata	PMrt 3062 Cuimba	CCaç 3370 Madimba	CCaç 3413 Mamarrosa	CCaç 3513 Quiende	CCaç 105 Zau-Évua	TOTAIS Gerais
R M A	6	2		2						10
Z M N	3		1	1		2				7
SECT 'ZAI'	2	1	2	2		4	5			16
Soma	11	3	3	5		6	5			33
BART	31	12	5	15	4	3		8	1	79
TOTAL	42	15	8	20	4	9	5	8	1	<b>112</b>
a OFICIAIS	7	2		3		3	1			16
a SARGTOS	10	6	4	4	1	4		2		31
a PRAÇAS	25	7	4	13	3	2	4	6	1	65
Somas	42	15	8	20	4	9	5	8	1	<b>112</b>

Estão omissos os louvores dos comandantes de companhia, salientando-se que os louvados pelo comandante da Região Militar de Angola da CArt 3449 foram o alferes «Martinho Terras» e, a título póstumo, o soldado cabo-verdiano Alfredo Mendes de Barros, o nosso herói da emboscada de 21 de Junho de 1972, que teve, como já se disse, a única Cruz de Guerra do batalhão.

Na Calambata foi louvado também o alferes Alves António, pelo comandante da ZMN. Quanto aos quatro sargentos louvados na 34-49, só um era furriel operacional – o Manuel José Fernandes, que nos impedimentos do «Terras», depois da evacuação do Henriques, teve quase sempre de comandar o 1.º GC (e o louvor que recebeu José Luís Mendonça Vaz do 2.º GC foi apenas do comandante da companhia). Os outros sargentos louvados foram os dois 1.ºs sargentos e o vagomestre das guerras dos papéis. No 3.º pelotão, ninguém mais que o alferes brasileiro foi louvado – e o 1.º cabo enfermeiro «Paulo Vicente» era o que mais merecia, claro.

Além dos alferes «Terras» e António, foram louvados por instâncias superiores ao comando do BArt o seu 2.º comandante, major Luís Gomes Marques, e apenas mais três oficiais operacionais: o capitão miliciano Manuel da Costa Cajão, comandante da CArt 3447 (Luvaca), e os alferes milicianos Alcides Flávio Pereira (do PelRec da CCS) e Humberto Fernandes (também da 34-47). Os primeiros pelo comandante da RMA e o último pelo Comando do Sector ZAI.

Isso no que se refere a pessoal do próprio BArt 3859 (cujo comandante não consta que tenha sido louvado). Quanto às companhias independentes, como já atrás se disse, na CCAç 3370 (da Madimba) houve dois louvores do comandante da ZMN (ao capitão miliciano Rui Neves da Silva e ao furriel miliciano José Carneiro da Costa) e quatro do do Sector (ao alferes miliciano José Branco Marinho, ao furriel miliciano Virgílio da Conceição Silva e a mais duas praças); e na CCAç 3413 (Mamarrosa) houve cinco louvores do comandante do Sector (ao alferes miliciano Benjamim Amorim Pinto e a mais quatro praças).

Da CCS todos os graduados do PelRec foram louvados – para além do alferes Alcides Pereira, os furriéis António José Sérvio, Luís Lúcio Sapateiro e Nuno Duarte Cid Peixeiro – todos eles operações especiais (e os últimos três apenas pelo comandante do nosso batalhão). Na CCS foram ainda louvados por entidades acima do BArt mais um sargento e quatro oficiais – respectivamente o 1.º sargento António dos Santos Simões, o tenente SGE José Sanches (comandante interino da própria CCS) e os alferes Carlos Casimiro Marques (sapador), Hipólito Mendes Pires (de manutenção e alimentação) e João Machado da Silva (transmissões).

Quanto a praças – mesmo do nosso batalhão –, o comandante da RMA louvou unicamente o Alfredo Mendes de Barros da CArt 3449, morto na emboscada, que foi, como já se disse, o único a ser agraciado com uma Cruz de Guerra; o comandante da ZMN louvou três cabos da CCS (José Pinto, Carlos Alberto Oliveira Alves e António Manuel Martins Pires); e o comandante do SEC ZAI louvou um cabo (Renato de Sou-

sa Graça, da 34-49) e dois soldados (António Joaquim Martins da Cunha, da 34-48, e Eleutério Moreira Oliveira Ribeiro, da CCS).

A CArt 3448, da Buela, foi a que menos louvores obteve e a CCS foi a mais contemplada, se bem que a maioria dos louvores concedidos lá pelo tenente-coronel Luís Teixeira Fernandes, nosso comandante, seja equivalente aos que os comandantes das companhias operacionais concediam, explicando-se assim ter havido no Cuimba o dobro desses louvores (31) em relação à CArt 3447 e à CArt 3449 (que na Buela poucos houve – cinco contra 12 na Luvaca e 15 na Calambata).

## DESABAFOS DA «GUIDA», ENTRE SOLUÇOS

---

«Trinta anos, estou velha! Quem vai querer-me?

A guerra não acaba mais. Dizem-me que sim, mas eu não vejo. Acho até impossível...

E vem tropa, fico com um; sai a tropa, vem outra, perco-o – e às vezes choro depois por ele, mas sorrindo sempre para o outro que vem a seguir.

Ao princípio custa muito, mesmo muito – mas vamo-nos habituando... Pensas que isto não dói? A gente também tem coração!

Agora vais tu... Nunca mais te vou ver, meu Deus! Nunca gostei tanto de um tropa, nem tive um tropa que me desse tanto carinho...

Que desgraça a nossa, com os homens todos fora e nós aqui abandonadas!...»

## UM AGRADECIMENTO ESPECIAL (NO FACEBOOK)

---

«Obrigado, Agostinho, pela colaboração que deste para o meu livro de memórias da guerra naquelas paragens do Norte de Angola.

Muito falámos e muito nos escrevemos (mais eu...), embora tivéssemos pontos de vista diametralmente opostos. Mas eu soube entender os teus e tu também os meus, apesar das reticências iniciais (“No meu tempo, com essas ideias, ainda te levavam a conselho de guerra e acabavam por te fuzilar»), disseste-me com notório exagero numa ocasião).

Fiquei a admirar a mentalização com que a malta do “sempre alerta” 595 foi para a guerra defender a Pátria. Não que me deixasse convencer, mas porque considerava quase impossível que alguém raciocinasse verdadeiramente assim. «Se tivesse escapado, teria sido uma enorme vergonha para a minha mãezinha. Como fui, ela sentia um orgulho por eu ter ido combater que nem imaginas!», disseste-me tu.

«Se algum dia a Pátria vos chamar em sua defesa, dai-lhe tudo – sangue e vida» – era o que dizia o texto de António Leal no nosso *Livro de Leitura da 4ª Classe*. Assim nos inculciam o patriotismo em miúdos. Mas a Pátria afinal era cá. Só cá.

Na Carregueira o vosso comandante lavou-vos bem a cabeça e terdes ido de entrada para aquele desterro da Magina, em que nem nativos vieis, contribuiu decisivamente para que ficásseis a pensar como ficastes. Tu e os teus camaradas. Lá o inimigo, que não tinha outra alternativa, atacava-vos à traição, cimentando ainda mais o vosso amor a uma «Pátria» que não passava de uma grande falácia – a maior mentira que nos contaram na vida!

Quando te fiz reflectir sobre aquele caso, quando já estáveis em Canga, em que tu até pegaste na arma para defender os negros a quem uma branca repetidas vezes incendiou as palhotas, acho que compreendeste que eu também tinha razão...

A última vez que me ligaste a perguntar “se tinha morrido” (tinha tido era os dois internamentos: o da úlcera seguido pelo da depressão), abreviei a resposta e fiquei de ligar mais tarde “porque estava na Suíça”. Estava a visitar uma cunhada nos cuidados paliativos do hospital de Martigny – e defronte dela – na última visita que eu e a irmã lhe fizemos. Depois faleceu e o corpo veio a sepultar cá.

Falhei na promessa de te ligar. Tencionava fazê-lo num destes dias. Agora já é tarde...

Adeus camarada de armas. Até à eternidade, repousa em paz. (E as minhas sinceras condolências à família enlutada.)»